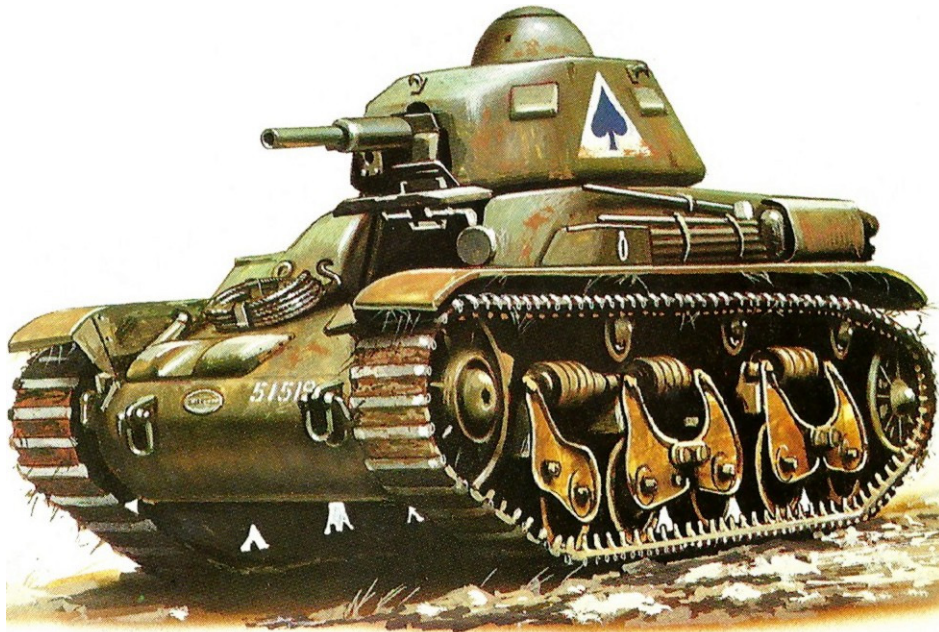


## BLINDADOS FRANCESES DA 2ª GUERRA MUNDIAL

Por Reinaldo V. Theodoro e Jucemir Rodrigues



Renault R-35, 1º Batalhão do 1º Regimento de Tanques polonês, França, 1940.

No início da 2ª Guerra Mundial, a França possuía uma das maiores e melhores forças blindadas do mundo. Havia cerca de 5.000 tanques no inventário do Exército francês, embora uma parte significativa deles fosse ainda do tempo da Grande Guerra. Porém, a doutrina francesa preconizava o uso do tanque como arma de apoio à infantaria, sendo os diferentes modelos projetados, produzidos e organizados conforme essa mentalidade. Dessa forma, a maioria dos veículos era lenta, de curta autonomia, mas bem blindada e armada. Além disso, eles eram, na maioria das vezes, organizados em batalhões destinados a apoiar as divisões de infantaria.



### Organização:

As unidades blindadas francesas eram basicamente divididas em dois tipos de formações: as de infantaria e as de cavalaria. As primeiras, obviamente, destinavam-se essencialmente ao apoio à infantaria e seus veículos eram bem blindados e armados, mas eram muito lentos e de pouca autonomia. Estes tanques eram organizados em Batalhões de Carros de Combate (BCC<sup>1</sup>). Contudo, o êxito das divisões panzer na Polônia fez com que os franceses concordassem com a

criação de uma divisão similar. Porém, embora parecidas, a Divisão Panzer e a Divisão Couraçada de Reserva (DCR<sup>2</sup>) eram essencialmente opostas em função, pois enquanto aquela se destinava à penetração estratégica, a função desta era enfrentar uma penetração inimiga, restabelecendo assim a linha de frente. O componente blindado da DCR era normalmente composto por dois batalhões de carros pesados “B” e dois de carros leves “H” ou “R” (a exceção é a 4ª DCR, que foi organizada de forma improvisada). Ao todo, 4 DCRs foram criadas, a saber:

- 1ª DCR: 28º BCC (B1-bis) e 37º BCC (B1); 25º e 26º BCC (H-39).
- 2ª DCR: 8º e 15º BCC (B1-bis); 14º e 27º BCC (H-39).
- 3ª DCR: 41º e 49º BCC (B1-bis); 42º e 45º BCC (H-39).
- 4ª DCR: 46º e 47º BCC (B1-bis); 19º BCC (D2); 2º, 24º e 44º BCC (R-35).

As unidades de cavalaria eram dotadas de veículos mais velozes e de maior autonomia, organizadas em regimentos, muitas vezes unidades tradicionais que foram mecanizadas durante a década de 30. Cada regimento tinha dois batalhões, cada um formado por quatro esquadrões a quatro seções (pelotões). Havia vários tipos de unidades,

<sup>1</sup> Bataillon de Chars de Combat.

<sup>2</sup> Division Cuirassée de Réserve.

conforme a relação a seguir:

- 🇫🇷 RAM<sup>3</sup> – Regimento de Autometralhadoras;
- 🇫🇷 RCA<sup>4</sup> – Regimento de Caçadores da África;
- 🇫🇷 RDP<sup>5</sup> – Regimento de Dragões Transportados;
- 🇫🇷 GRDI<sup>6</sup> – Grupo de Reconhecimento de Divisão de Infantaria.

Havia dois tipos de divisões de cavalaria, as chamadas Divisões Ligeiras de Cavalaria (DLC<sup>7</sup>) e as Divisões Ligeiras Mecanizadas (DLM<sup>8</sup>). As primeiras contavam com dois regimentos de cavalaria mecanizada, com tanques leves, carros blindados e autometralhadoras, enquanto as últimas contavam com dois regimentos de cavalaria blindada e um de reconhecimento.

- 🇫🇷 1ª DLC: 1º RAM (H-35 e AMD 178) e 5º de Dragões (AMR).
- 🇫🇷 2ª DLC: 2º RAM (H-35 e AMD 178) e 3º de Dragões (AMR).
- 🇫🇷 3ª DLC: 3º RAM (H-35 e AMD 178) e 2º de Dragões (AMR).
- 🇫🇷 4ª DLC: 4º RAM (H-35 e AMD 178) e 14º de Dragões (AMR).
- 🇫🇷 5ª DLC: 5º RAM (H-35 e AMD 178); 15º de Dragões (AMR).
- 🇫🇷 1ª DLM: 4º de Cuirassiers e 18º de Dragões (H-35 e S-35); 6º de Cuirassiers (AMD 178) e 4º de Dragões (AMR).
- 🇫🇷 2ª DLM: 13º e 29º de Dragões (H-35 e S-35); 8º de Cuirassiers (AMD 178) e 1º de Dragões (AMR).
- 🇫🇷 3ª DLM: 1º e 2º de Cuirassiers (H-39 e S-35); 12º Cuirassiers (AMD 178) e 11º de Dragões (H-35).
- 🇫🇷 4ª DLM<sup>9</sup>: GE La Roche (tanques de cavalaria) e 1º RAM (reconhecimento).
- 🇫🇷 7ª DLM<sup>10</sup>: 8º de Dragões (H-35 e H-39) e 4º RAM (reconhecimento).

Além das unidades envolvidas na campanha de 1940, blindados franceses atuaram em outros fronts. A 342ª Companhia, originalmente destinada à Noruega, atuou na Síria em 1941, ao lado dos Franceses Livres, equipada com 12 tanques Hotchkiss, enfrentando tanques idênticos do lado da França de Vichy, dos 6º e 7º RCA. A maior participação ativa de blindados franceses na África do Norte foi durante o breve combate contra a "Operação Torch", em novembro de 1942, quan-

do algumas unidades equipadas com S-35, R-35 e D1 engajaram tanques americanos.

Após a passagem dos franceses na África para a causa aliada, o 12º RCA lutou na Tunísia equipado com S-35 até janeiro de 1943. Um esquadrão deles, o 7º, continuou em ação até o fim da campanha. No início da libertação da França, as autoridades francesas tentaram reorganizar unidades blindadas usando equipamento original francês, usando veículos recapturados aos alemães ou guardados em depósitos desde 1940. As unidades foram organizadas em Paris e Gien usando S-35 e Char B1, os quais receberam equipamentos de rádio. De acordo com esse plano, o 13º Regimento de Dragões foi recriado a 07/10/44. Em abril de 1945, vésperas da batalha do bolsão de Royan, a unidade estava equipada com 17 S-35 e 19 Char B1-bis (alguns ainda com lanças-chamas adaptados pelos alemães).

Os alemães fizeram extensivo uso de tanques franceses capturados. No inverno de 1940-41, eles criaram na França os 201º e 202º Regimentos Panzer, cada um com dois batalhões de três companhias cada. Também foi criado o 301º Batalhão Panzer (em março de 1941, ele se tornou o 2º Batalhão do 202º Regimento Panzer). Em setembro de 1941, novas divisões Panzer foram criadas na França, sendo provisoriamente equipadas com tanques franceses até que novos tanques alemães chegassem. Além disso, foram criados os batalhões independentes 211º a 214º. O 211º foi criado a 24/03/41 equipado com S-35 e Hotchkiss. Ele participou da invasão da URSS no extremo norte da frente, avançando contra o porto de Murmansk e combatendo com sucesso tanques T-28 e BT soviéticos. O 212º foi criado na ilha de Creta no verão de 1941. O 213º foi criado na França a 15/07/42, equipado apenas com Char B1-bis. Ele serviu como guarnição nas ilhas do Canal da Mancha de Jersey e Guernesey. Por fim, o 214º foi criado a 08/01/42 em Oslo, na Noruega. Pelo inverno de 1941-42, as únicas unidades ainda equipadas com tanques franceses (na maioria S-35) eram o I/201º (então na Iugoslávia), II/202º (Finlândia) e os 211º, 212º, 213º e 214º Batalhões. Havia ainda algumas companhias independentes e unidades menores, tais como a 223ª Companhia, equipada com S-35, que participou da luta em torno de Sebastopol na primavera de 1942. Em outubro de 1942, foi levada a efeito uma reorganização das unidades remanescentes no Oeste, sendo criada a 100ª Brigada Panzer. Em julho de 1943, essa unidade (então rebatizada 100º Regimento Panzer<sup>11</sup>) foi usada na reconstituição da 21ª Divisão Panzer, que havia sido destruída na Tunísia. A 02/01/43, o 202º Batalhão Panzer foi criado na Bósnia, a partir do I/202º Regimento Panzer. Uma nova modifi-

<sup>3</sup> *Régiment de Auto-Mitrailleuses.*

<sup>4</sup> *Régiment de Chasseurs d'Afrique.*

<sup>5</sup> *Régiment de Dragons Portes.*

<sup>6</sup> *Groupe de Reconnaissance de Division d'Infanterie.*

<sup>7</sup> *Division Légère de Cavalerie.*

<sup>8</sup> *Division Légère Mécanique.*

<sup>9</sup> Criada a 10/06/40 pela reorganização da 1ª DLC.

<sup>10</sup> Criada a 05/06/40 pela reorganização da 4ª DLC.

<sup>11</sup> Rebatizado 22º Regimento Panzer a 20/05/44.

cação se deu em outubro de 1943, quando o material anteriormente cedido à Itália retornou às mãos alemãs com a rendição italiana. Esse equipamento foi utilizado para reequipar unidades empenhadas nos Bálcãs, como o 202º Batalhão Panzer e o 7º Batalhão Panzer SS “Prinz Eugen”. As últimas unidades criadas com tanques franceses foram os 205º e 206º Batalhões Panzer, ambos em Versailles, na França, em novembro de 1943. O 205º foi convertido em batalhão antitanque em dezembro de 1944 e o 206º combateu os americanos em junho de 1944 na península de Cotentin, onde foi destruído. Por ocasião da campanha da Normandia, a 21ª Divisão Panzer ainda tinha vários S-35 em seu inventário, alguns na função de tanques de comando.

Os aliados dos alemães receberam uma quantidade significativa de tanques franceses, sendo normalmente organizados em batalhões e companhias independentes.



### Pintura:

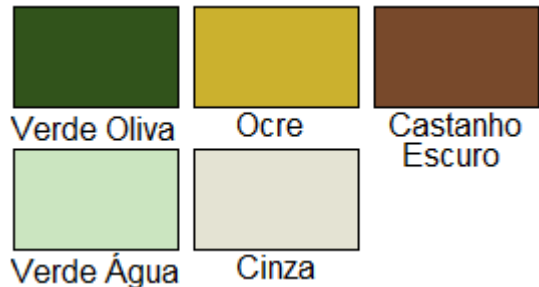
De todos os países envolvidos na 2ª Guerra Mundial, talvez nenhum outro tivesse tamanha variedade de camuflagens e marcações como o Exército francês. A pintura básica dos veículos franceses era o *Vert Olive Mat* (Verde Oliva Fosco<sup>12</sup>). Em 1930, foi emitida uma instrução de técnicas de camuflagem, onde a pintura de veículos de combate era considerada como instrumento contra a observação a curta distância. Essa camuflagem deveria ser obtida através da pintura de manchas irregulares, de forma a apresentar falsos contornos a um observador inimigo, dificultando a sua capacidade de fazer mira.

Pelos meados dos anos 30, as camuflagens coloridas já eram comuns. A pintura às vezes era feita nas próprias oficinas de campanha, mas, na maioria dos casos, ela já vinha de fábrica, resultando em que veículos de diferentes unidades tivessem pinturas semelhantes.

Além do básico verde oliva, havia duas outras cores principais de camuflagem, o *Sable Foncé* (ocre escuro) e o *Bois Foncé* (castanho escuro). O ocre podia variar de tom entre siena claro e mostarda. Outra cor usada durante os anos 30 foi o *Vert d'Eau* (Verde Água). O preto e o ocre também podiam ser usados como contorno entre as outras cores. Diferentes padrões podiam ser usados, desde uma única cor (no caso, o verde oliva), até as mais vistosas combinações de duas ou três cores, com ou sem realce de contornos.

No começo de 1940, as unidades blindadas receberam ordem de repintar seus veículos com “vert armée” ou “gris armée” (verde ou cinza do Exército), mas essa diretriz foi totalmente ignorada nos

veículos já em serviço, se aplicando apenas às unidades que estariam saindo das fábricas. O cinza era ligeiramente azulado, sendo um pouco mais claro que o cinza alemão. Embora existam informações de veículos pintados em diferentes padrões de cinza, não há evidências fotográficas disso.



Apenas como referência, usaremos o padrão de cores da Humbrol, como se segue:

- Verde Oliva → Humbrol 86
- Verde Água → Humbrol 90
- Ocre → Humbrol 94 ou 160
- Castanho Escuro → Humbrol 62
- Cinza → Humbrol 67

Um recurso usado por algumas unidades equipadas com SOMUA S-35 ou Hotchkiss destinava-se a diferenciar o veículo do comandante do esquadrão. O veículo era pintado de verde oliva e ocre, com contornos pretos, enquanto a torre era pintada somente de ocre com linhas irregulares pretas.



Hotchkiss H-35, 18º Regimento de Dragões, 1ª DLM. Observe a dicotomia entre a pintura do casco e a da torre, que normalmente indicava o veículo de um comandante de regimento ou esquadrão.

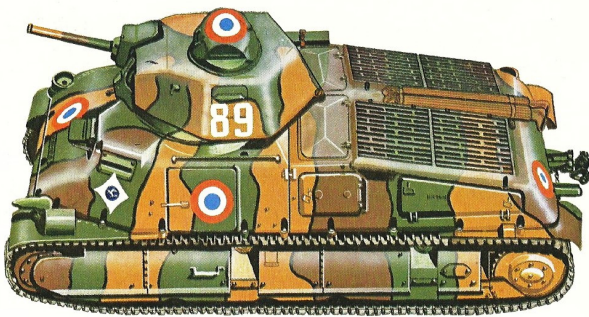
Todos os tanques franceses ostentavam as cores nacionais. Na maioria das vezes, pequenas bandeiras francesas eram aplicadas na frente e na ré do veículo, normalmente junto ao número de série dele. Em alguns veículos, particularmente no Char B, outras bandeiras eram acrescentadas, nas laterais ou na torre. O uso do símbolo de círculos concêntricos da Força Aérea, conhecido

<sup>12</sup> Também conhecido como “kaki mat” e “vert armée”.

como “cocar”, foi adotado em março de 1938, mas não era de uso generalizado, sendo mais comum nas superfícies superiores e à ré de veículos da cavalaria. A prática tornou-se mais comum após o início das hostilidades, o que é um tanto incompreensível, já que o cocar certamente era um excelente ponto de mira para os artilheiros inimigos.



O cocar e a bandeira nacional, marcações típicas de identificação de nacionalidade nos blindados franceses.



S-35, 18º de Dragões, 1ª DLM. Observe a disposição dos cocares sobre a torre, na placa frontal, nas laterais e à ré.



Outra configuração de pintura dos cocares na torre. Em 1940, os cocares laterais eram geralmente removidos, por motivos óbvios.

Todos os tanques franceses tinham números de série ou matrículas, que eram definidos em grupos de números por fábrica, conforme a seguinte tabela:

Tanque	Número	Grupo de Números
Char 2C	Dois dígitos	90-99
Char B	Três dígitos	101+
D2	Quatro dígitos	2001+
FCM 36	Cinco dígitos	30001-30090
P-16	Cinco dígitos	37000+
H-35/39	Cinco dígitos	40001+
R-35/39/40	Cinco dígitos	50001+
AMR 35	Cinco dígitos	90001+

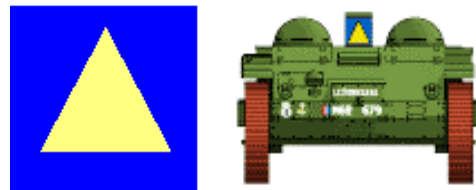
Esses números eram normalmente precedidos por uma bandeira francesa e, eventualmente, a letra “M”.



Alguns exemplares de matrículas ou números de série

Os tanques franceses muitas vezes ostentavam grandes números nas torres, principalmente em unidades de cavalaria. Normalmente, os números tinham a seguinte distribuição: 1 a 24 no 1º Esquadrão; 25 a 49 no 2º; 50 a 74 no 3º e 75 a 99 no 4º. Um esquadrão de cavalaria normalmente contava com 20 tanques, divididos em 4 pelotões de 5 veículos cada. Nas DLM, contudo, o sistema foi modificado para indicar os regimentos. Por exemplo, na 2ª DLM, o regimento “sênior” (13º de Dragões) utilizava números não maiores que 50, enquanto o outro regimento (29º de Dragões) utilizava números de 51 a 90.

Em alguns tipos de veículos, como o S-35 e o AMD 178, não há padrões evidentes. No Chenillette UE é utilizado um número de 5 dígitos, mas não segue nenhum padrão. Ainda no UE, havia um símbolo aplicado sobre uma placa vertical fixada entre os dois domos dos tripulantes, constituído por um quadrado azul com um triângulo amarelo, indicando que o veículo reboca um trailer ou um canhão.



Símbolo de reboque usado no Chenillette UE.

Na maioria dos veículos, o número de série era pintado diretamente sobre o verde oliva, mas, no caso de veículos camuflados, o número podia ser pintado sobre um fino retângulo preto.

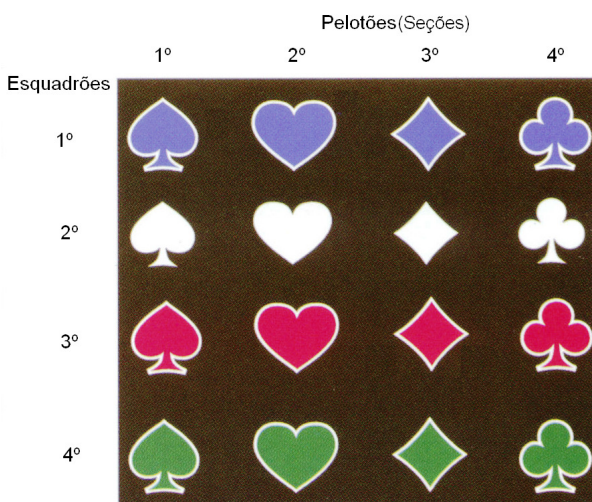
Nas unidades de tanques da infantaria, era muito comum o uso de naipes de cartas para a identificação das subunidades, seguindo a hierarquia do jogo de bridge. O naipe de espadas indicava a 1ª Seção (pelotão), o de copas, 2ª, o de ouros, 3ª e o de paus, 4ª. Esses naipes eram inseridos em formas geométricas que identificavam a companhia, sendo um círculo de 35 centímetros de diâmetro para a 1ª Companhia, um quadrado de 30 centímetros de lado para a 2ª e um triângulo de 45 centímetros de base e 40 de altura para a 3ª. A cor do naipe identificava o batalhão, sendo azul para o 1º e vermelho para o 2º. Havia variações deste padrão, como, por exemplo, em algumas unidades, havia apenas a figura geométrica. A seguir estão alguns exemplos:



Em novembro de 1939, foi adotado um novo padrão que, embora não substituísse completamente o anterior, era bastante comum por ocasião da campanha de 1940. O significado dos naipes manteve-se, mas a sua cor passou a identificar a companhia, sendo azul para a 1ª, branco a 2ª e vermelho a 3ª. Isso é ilustrado na figura a seguir. Normalmente, os naipes das 1ª e 3ª companhias recebiam um contorno branco para melhorar a visibilidade.



A instrução de 01/04/36 fez com que a cavalaria adotasse o sistema de naipes dos tanques da infantaria. O significado dos naipes era o mesmo, mas a cor identificava o esquadrão, sendo azul para o 1º, branco, o 2º, vermelho, o 3º e verde, o 4º. Isso é ilustrado na figura a seguir:



Uma exceção desse padrão era o 18º Regimento de Dragões, da 1ª DLM, que usava apenas naipes brancos. O símbolo regimental, um hipogrifo, era pintado dentro da figura geométrica, cuja cor

definia o batalhão, que era inserida no naipe de cartas, como nos exemplos a seguir:



A maioria dos regimentos tinha símbolos regimentais, mas nem sempre eram pintados nos tanques, sendo geralmente vistos apenas nos uniformes dos seus tripulantes, embora numa versão ligeiramente simplificada. Além disso, nem todos os brasões pintados em tanques, observados em fotografias, foram identificados. A seguir estão alguns exemplos de insígnias regimentais.

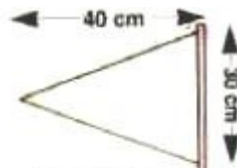


Em alguns veículos de infantaria, especialmente o R-35 e o UE, era aplicada uma marcação de classe de pontes que o veículo podia atravessar, na forma de uma granada branca com um número "1" preto. Às vezes, essa granada era amarela. Ela ficava sempre ao lado das caixas de ferramentas em ambos os para-lamas.



Os tanques franceses frequentemente utilizavam nomes, normalmente segundo um padrão adotado pelo batalhão. Essa prática era mais comum em unidades de Char B, D2, H-35 e H-39.

Na falta de rádios, a comunicação entre os veículos era feita através de bandeirolas e sinalizadores. As bandeirolas, ou flâmulas, eram como ilustrados a seguir:



Dimensões da flâmula.

O cabo é de madeira e havia um orifício no topo da torre para encaixá-lo.



## VEÍCULOS:

**AMC<sup>13</sup> 35** → O Renault AMC 35 foi adotado pela cavalaria e infantaria motorizada, sendo produzido entre 1938 e 1940, totalizando 47 unidades. Ele destacava-se por ser o primeiro tanque francês com uma torre para dois homens. No entanto, ele revelou-se mecanicamente inseguro. Apenas 15 deles estavam em serviço no Exército francês ao começar a 2ª Guerra Mundial e alguns deles combateram no Baixo Sena e em Saumur. Após a queda da França, alguns foram empregados pelos alemães para treinamento, sendo rebatizados PzKpfw<sup>14</sup> AMC 738(f).

<sup>13</sup> *Auto-Mitrailleuse de Combat* = Autometralhadora de Combate.

<sup>14</sup> Abreviatura de *Panzerkampfwagen*, que significa "Veículo de Combate Blindado".



AMC 35, 1º Grupo de Cavalaria, setor de Saumur, primavera de 1940. Observe a marcação de ponte na lateral.



AMC 35, 11º Grupamento de Cavalaria, região do Loire, junho de 1940.



AMC 35 do CFM (*Corps Francs Motorisés*), junho de 1940. Essa unidade foi organizada às pressas e combateu uma ação de retardamento entre os rios Sena e Loire. Observe a ausência de marcações táticas.



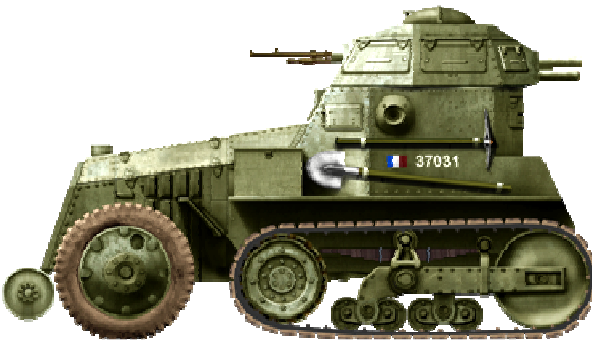
AMC 35, *Escadron d'Auto Blindés du Corps de Cavalerie*, Exército belga, 1940. Na Bélgica, ele recebeu a designação ACG-1. Este exemplar combateu na região de Antuérpia. Ele é pintado de cáqui e ostenta o símbolo do esquadrão, uma cabeça de rinoceronte. Observe o cocar belga na parte inferior da torre



PzKpfw AMC 738 (f) de uma unidade de treinamento. Ignora-se se o AMC 35 foi usado em combate pelos alemães.

**AMC P16** → Meialagarta desenvolvido a partir de 1924, o AMC P16 teve as versões Citroën Kegresse M28 e Schneider Kegresse M29. Ele era um meialagarta de reconhecimento e foi produzido entre 1929 e 1931, totalizando 100 unidades. Lançado em 1930, ele equipou as unidades de cavalaria mecanizada e de carros blindados das divisões de infantaria (onde era chamado AMR Schneider P16). A 10/05/40, 54 deles estavam operacionais na França, além de outros 14 que haviam sido enviados para a Tunísia (depois Argélia). Após o armistício, os alemães não o incluíram em seu arsenal.

O P16 raramente era camuflado. Estes veículos normalmente ostentavam números de esquadrão em ambas as laterais posteriores da torre e um cocar na traseira dela. Além disso, normalmente ostentavam o símbolo regimental no capô.



Citroën Kegresse P16 como saiu da fábrica. Em tempos de paz, eles eram normalmente pintados apenas de verde oliva.



Schneider Kegresse P16, 18º de Dragões, 1ª DLM, França, 1936.



Schneider Kegresse P16, veículo de comando, 3º GRDI, 3ª Divisão de Infantaria Motorizada, França, 1939.



Schneider Kegresse P16, 1º GRDI, 1ª Divisão de Infantaria Motorizada, Norte da França, maio de 1940. Este exemplar ostenta camuflagem, o que é atípico.

**AMD<sup>15</sup> LAFFLY 50 AM** → Carro blindado. Também chamado de "White-Laffly", o AMD Laffly 50 AM nada mais era que uma modernização dos velhos White mle 1917 realizada pela Laffly entre 1932 e 1934. Ao todo, 98 Whites tiveram seus chassis substituídos no processo. Em 1940, a maioria dos Laffly 50 AM estava de serviço nas colônias (África do Norte, Levante e Indochina), porém, o 4º GRDI, na França, ainda possuía cerca de 20 desses veículos. Algumas unidades permaneceram em serviço até 1943. As unidades capturadas pelos alemães foram designadas Panzerspähwagen Wh 201(f) e usadas para patrulha e treinamento.



Laffly 50, unidade ignorada, com camuflagem de verde escuro sobre verde oliva. Esse era o padrão de cores nos carros blindados franceses na metrópole.

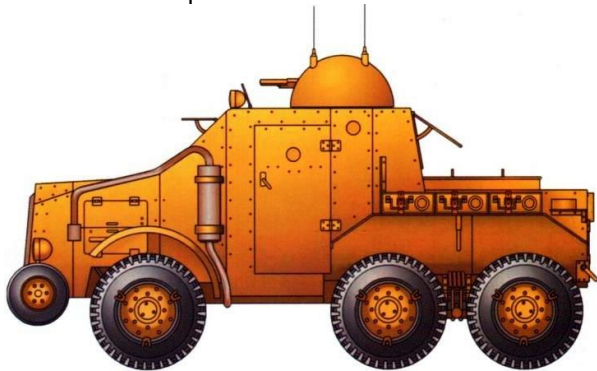
<sup>15</sup> *Auto-Mitrailleuse de Découverte* = Auto-Metralhadora de Descoberta (Exploração).

**AMD LAFFLY 80 AM** → Carro blindado. Entre 1934 e 1935, a Laffly novamente modernizou velhos carros White da 1ª Guerra Mundial, recebendo um novo motor, mais potente, e novo armamento. No entanto, o AMD Laffly 80 AM (também chamado de Laffly-Vincennes) já era considerado obsoleto ao deixar a fábrica e, portanto, sua produção foi interrompida com apenas 28 unidades produzidas. Todos foram enviados à Tunísia, onde equiparam dois esquadrões de reconhecimento. Participaram dos combates na Tunísia em 1942-43 contra alemães e italianos e alguns ainda estavam em serviço em 1955. As unidades capturadas pelos alemães foram designadas Panzerspähwagen Laf 202(f) e usadas para patrulha e treinamento.



Laffly 80, pintado com faixas irregulares amarelas sobre o verde oliva.

**AMD LAFFLY S15 TOE<sup>16</sup>** → Carro blindado. Baseado no Laffly S15, o AMD Laffly S15 TOE era um veículo blindado destinado a serviço na África do Norte. Ele foi lançado em 1939 e, além de servir como carro blindado de reconhecimento, ele atuou igualmente como transporte blindado de pessoal, podendo transportar até 6 homens. O S15 TOE teve 45 unidades produzidas e foram empregadas na África do Norte (25 unidades) e na África Ocidental (20). Após o armistício, os italianos receberam 4 unidades dele, que foram modificados para usar armamento italiano. O S15 foi usado, pelo menos, até maio de 1942. Foi usado também pelos franceses livres.



Laffly S15 TOE, equipado com rádio. A pintura é de amarelo areia para operações em regiões semidesérticas.

<sup>16</sup> *Théâtre d'Opérations Extérieures* = Teatros de Operações no Exterior.

**AMD PANHARD 165/175** → Carro blindado. Inicialmente chamado de TOE M32, o Panhard AMD 165/175 foi o precursor de uma linhagem de carros blindados que surgiu da longa parceria entre a Panhard e o Exército francês. Lançado em 1933, ele teve apenas 28 unidades produzidas e se destinava às colônias francesas da África do Norte e no Levante (onde havia 16 deles a 10/05/40). As unidades capturadas pelos alemães foram designadas Panzerspähwagen 203(f) e usadas para treinamento e patrulha. Teve uma versão de transporte blindado especialmente produzida para as colônias, o Panhard 179, designado VBTC<sup>17</sup>, um Panhard 165/175 sem a torre, que contava 30 unidades em serviço nas colônias em 1940.



Panhard 165/175, unidade ignorada. A pintura é em verde oliva.



Carro de comunicações Panhard 165/175, ostentando pintura de verde água sobre o verde oliva.

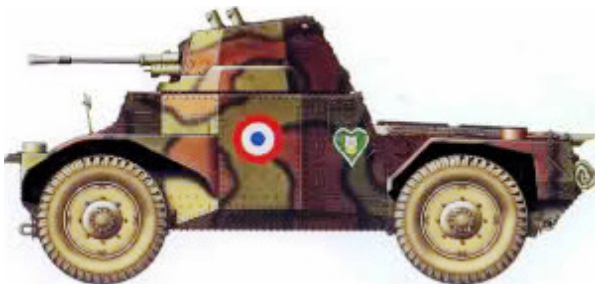


Panhard 179 convertido a carro de comunicações, ostentando pintura de verde água sobre o verde oliva.

<sup>17</sup> *Voiture Blindée de Transport de Combattants* = Veículo Blindado de Transporte de Combatentes.



**AMD PANHARD 178** → Carro blindado. O Panhard AMD 178 4x4 foi o melhor carro blindado francês da 2ª Guerra Mundial. Seu protótipo foi testado em 1933 e ele entrou em produção em 1935, mas só foi lançado no Exército francês em 1937. Ele teve ainda versões de carro-comando (com rádio, mas sem armamento, 24 unidades) e colonial, para uso na Indochina (apenas 8 foram produzidos, dos quais apenas 4 realmente foram embarcados e pelo menos 1 foi capturado pelos japoneses). Ao tempo do armistício, 491 veículos haviam sido produzidos, em todas as versões. Após a ocupação alemã, mais 176 unidades foram produzidas para a Wehrmacht. Com a libertação, ele voltou a ser produzido, agora com um canhão de 47 mm (chamado de Panhard 178B). Ele teve um total geral de 1.143 unidades produzidas. Oficialmente chamado de AMD Panhard Modèle 1935, ele se destinava ao reconhecimento de longo alcance e foi empregado por unidades de infantaria e cavalaria. Além de participar da campanha da França de 1940, um esquadrão equipado com ele participou da campanha da Noruega. Após a derrota da França, ele foi utilizado pelos alemães (designado Panzerspähwagen 204(f)) em funções de reconhecimento, policiamento e patrulha antipartisans. Ele equipou as 7ª e 20ª Divisões Panzer e foi o veículo do Eixo que chegou mais perto de Moscou em fins de 1941. Alguns foram rearmados com canhões de 20 mm e outros foram convertidos a caçatanques, com canhões de 50 mm, enquanto 43 deles foram convertidos a carros de patrulha ferroviários. Ele também equipou trens blindados. A França de Vichy foi autorizada a manter 64 deles, mas sem o canhão, substituído por outra metralhadora. Também foi usado pela resistência francesa em 1944. No pós-guerra, atuou ainda na Síria, Taiti, Djibuti e Vietnã e permaneceu em serviço no Exército francês até os anos 60. Carros blindados como o AMD 178 normalmente ostentavam números de esquadrão em ambas as laterais posteriores da torre e um cocar na traseira dela.



AMD 178, 2ª Seção, 4º Esquadrão, 8º de Cuirassiers, 2ª DLM, França, setembro de 1939.



AMD 178, 6º de Cuirassiers, 1ª DLM, Bélgica, maio de 1940.



AMD 178, carro comando, provavelmente da 1ª DLM, França, maio de 1940.



AMD 178, 2º GRDI, 2ª Divisão de Infantaria Motorizada, França, maio de 1940.



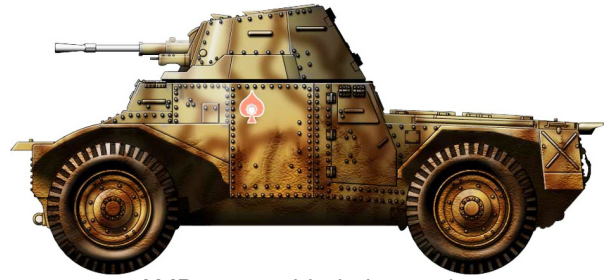
AMD 178, 12º de Cuirassiers, 3ª DLM, capturado em Boulogne-sur-Mer, fins de maio de 1940.



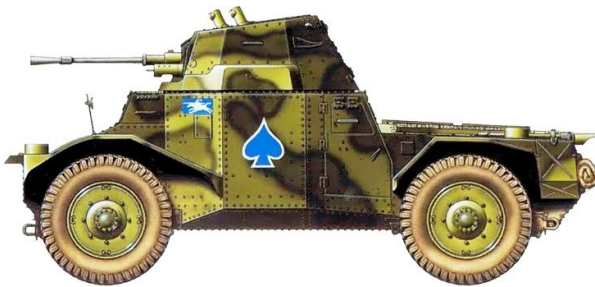
AMD 178, 12º de Cuirassiers, 3ª DLM, França, maio de 1940.



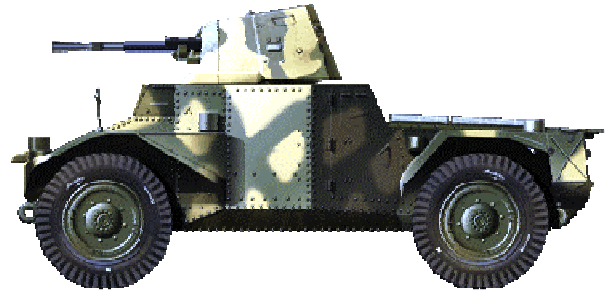
AMD 178, 12º de Cuirassiers, 3ª DLM.



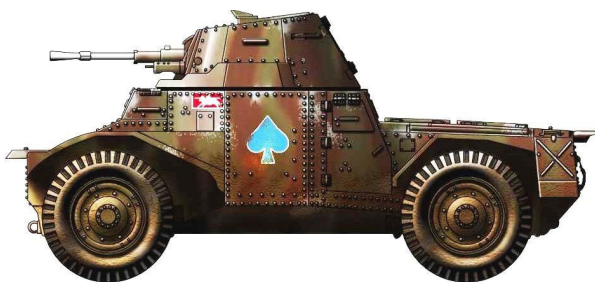
AMD 178, unidade ignorada.



AMD 178, 1ª Seção, 1º Esquadrão, 6º GRDI, 15ª Divisão de Infantaria Motorizada, França, maio de 1940.



AMD 178 destinado às colônias, equipado com torre APX 5.



AMD 178, 1ª Seção, 1º Esquadrão, 6º GRDI, 15ª Divisão de Infantaria Motorizada, França, maio de 1940. O símbolo do 6º GRDI aqui ilustrado tem o fundo vermelho, ao contrário do anterior, que é azul. Ignora-se o significado disso.



AMD 178, Exército do Armistício, França de Vichy, 1940.



Panzerpähwagen 204(f), Divisão Motorizada SS Totenkopf, França, maio de 1940.



Protótipo de caçatanques, armado com um canhão AT SA 37 de 47 mm, 10/07/40.



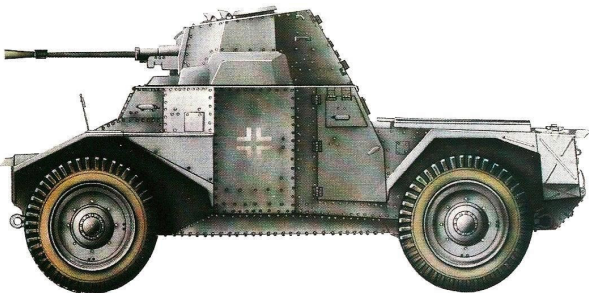
Panzerpähwagen 204(f), veículo de comando, Divisão Motorizada SS Totenkopf, França, maio de 1940.



Panzerspähwagen 204(f), 92º Batalhão de Reconhecimento, 20ª Divisão Panzer, frente oriental, verão de 1941.



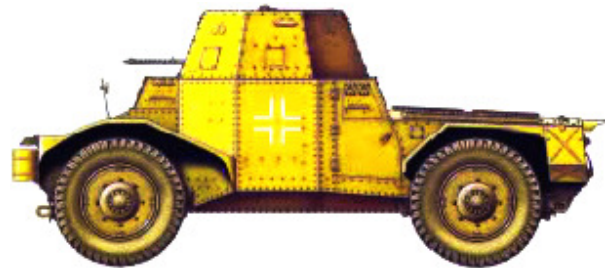
Panzerspähwagen 204(f), unidade de polícia, front oriental, 1942.



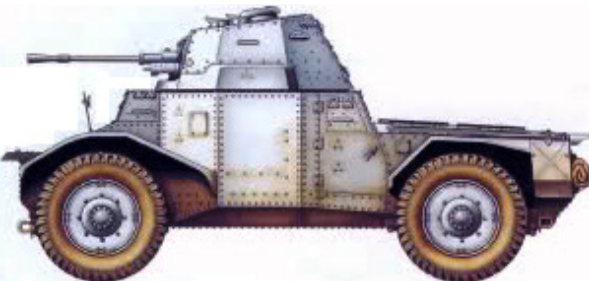
Panzerspähwagen 204 (f), 7ª Divisão Panzer, frente russa, setor de Moscou, novembro de 1941.



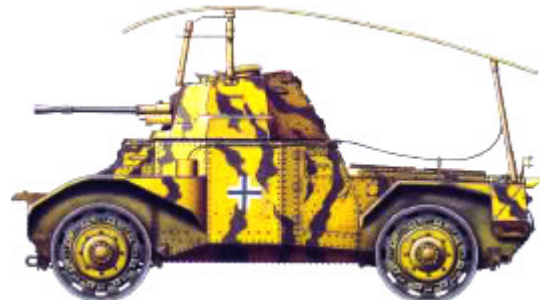
Panzerspähwagen 204(f), Divisão Panzergrenadier SS LAH, front oriental, inverno de 1942-43.



Panzerspähwagen 204(f), Divisão Panzergrenadier SS LAH, batalha de Kursk, julho de 1943.



Panzerspähwagen 204(f), 2ª Divisão Panzer, frente oriental, inverno de 1941-42.



Panzerspähwagen 204(f), versão ferroviária, Panzerzug 62, frente oriental, outono de 1943.



Panzerspähwagen 204(f), 7ª Divisão Panzer, França, verão de 1942.



Panzerspähwagen 204(f), com canhão de 50 mm, França, 1943.



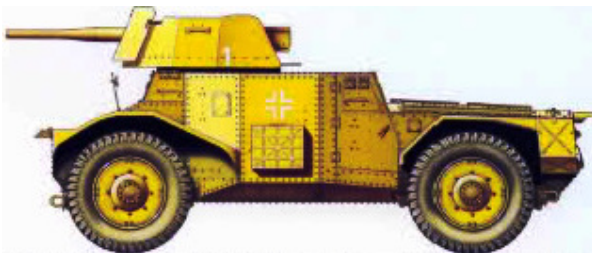
Panzerspähwagen 204(f), 89ª Divisão de Infantaria, França, 1944.



Panzerspähwagen 204(f), versão ferroviária, Panzerzug 64, frente oriental, primavera de 1944.



Panzerspähwagen 204(f), unidade não identificada, Paris, França, agosto de 1944.



Panzerspähwagen 204(f), armado com canhão de 50 mm, companhia de carros blindados, 1º Corpo de Exército, França, outono de 1944.

**AMR<sup>18</sup> 33** → Blindado leve. O AMR Renault Modèle 1933 VM foi adotado para a cavalaria francesa em 1933. Contudo, logo demonstrou suas deficiências. Embora fosse muito veloz para um veículo de lagartas, ele apresentava problemas mecânicos na sua suspensão. Apesar do nome, ele não foi empregado para reconhecimento, mas para apoio à cavalaria desmontada. No momento

<sup>18</sup> *Automitrailleuse de Reconnaissance* = Autometralhadora de Reconhecimento.

da invasão alemã, ele equipava as DLC e havia 113 unidades dele operacionais (das 123 que foram produzidas). Após a queda da França, foi usado pelos alemães, designado Panzerspähwagen (PzSpWg) VM 701(f), inclusive como morteiro autopropulsado. Um único exemplar é hoje preservado no Museu de Saumur.

Os AMR eram normalmente pintados no padrão de camuflagem de três cores. As primeiras unidades tinham pinturas com contornos bem definidos, mas as unidades posteriores tiveram as linhas de contato entre as diferentes cores frequentemente pintadas de preto com pistola, deixando uma marca difusa.

Em 1940, esses veículos ostentavam um grande número branco ou cinza claro em ambas as laterais posteriores da torre e um cocar na traseira dela, conforme a instrução de 01/04/36. Muitas vezes, eles ostentavam ainda o brasão regimental.



Protótipo do Renault VM, com a torre original, durante as manobras da Champanhe, outono de 1933.



AMR 33, 18º de Dragões, 1934.



AMR 33, 18º de Dragões, setembro de 1935.



AMR 33, 4º GAM<sup>19</sup>, 1935. Dadas as pequenas dimensões do veículo, o equipamento de rádio teve que ser instalado numa caixa externa na traseira.



AMR 33, 1º GAM, abril de 1936.



AMR 33, 2º GAM, 1936. Este exemplar ostenta um brasão bicolor, possivelmente o azul do 4º Pelotão e o vermelho do 2º Esquadrão. A cruz de Lorena foi o primeiro símbolo da unidade, adotado em 1934.



AMR 33, 3º GAM, 1936. Este exemplar é pintado em dois tons de verde. A marcação táctica limita-se ao brasão do corpo à ré da torre.



AMR 33, outro exemplar do 3º GAM, 1937. A camuflagem deste exemplar apresenta três cores: verde água, verde oliva e castanho.



AMR 33 TSF, 18º de Dragões, 1937. Essa unidade foi reequipada com H-35 poucos meses depois. Este exemplar ostenta um grande número branco e o hipogrifo, símbolo do 18º de Dragões, pintado dentro do símbolo táctico.



AMR 33, 1º Pelotão, 2º Esquadrão, 2º GAM, 1937. Este exemplar ostenta o escudo do Marquês de Bissy na torre e o símbolo táctico numa posição incomum, na parte posterior do corpo do veículo.



AMR 33, 4º Pelotão (naipes de paus), 2º Esquadrão (cor vermelha), 1º GAM, 1938.

<sup>19</sup> *Groupe d'Automitrailleuses* = Grupo de Autometralhadoras. Esse tipo de unidade foi dissolvido antes da campanha de 1940.



AMR 33, 2º Pelotão, 2º Esquadrão, 2º GAM, 1938. Os Grupos de Autometralhadoras utilizavam um padrão de identificação de cores próprio.



AMR 33, 3º GAM, 1938. O círculo branco identifica o carro do comandante do Esquadrão. O cocar era pintado em ambos os lados e atrás da torre e, possivelmente, no teto também.



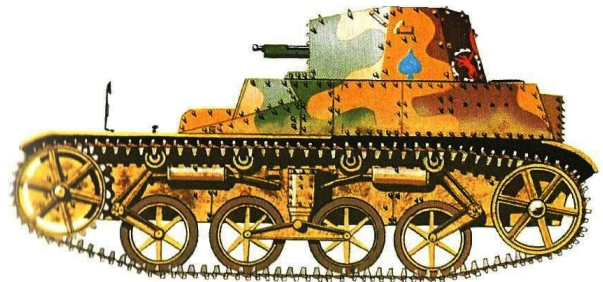
AMR-33, 4º BCC, janeiro de 1939.



AMR-33, 2º de Dragões, 3ª DLC, Ardenas, maio de 1940.



AMR 33, 3º RDP, maio de 1940. O símbolo do 3º RDP tem 12 centímetros de altura.



AMR 33, 1ª Seção, 1º Esquadrão, 3º RAM, 3ª DLC. Pintura de verde oliva, ocre e castanho. Um cocar é pintado na ré da torre e o brasão regimental de um Pégaso vermelho ao seu lado.



AMR 33, 1º Pelotão, 2º Esquadrão, 15º RDP, maio de 1940. Este exemplar apresenta o segundo tipo de camuflagem de AMRs, com os contornos pretos difusos. O estranho símbolo na torre, dois retângulos vermelhos verticais, talvez indique o 2º Batalhão.



AMR-33, 7ª DLM (possivelmente 4º RAM), junho de 1940.

**AMR 35** → Blindado leve. A ineficiência do AMR 33 levou a Renault, em 1934, a desenvolver um novo veículo de reconhecimento para a cavalaria, que ficou conhecido como Renault ZT. A principal modificação foi a substituição do motor por um mais potente e o seu reposicionamento na traseira. Ele foi produzido em diferentes versões: uma armada com uma metralhadora de 7,5 mm (87 unidades, das quais, 57 equipadas com rádio); outra armada com 1 metralhadora de 13,2 mm (80 unidades); a versão ZT-2 (10 unidades) era armada com 1 canhão de 25 mm e 1 metralhadora de 7,5 mm; a ZT-3 (10 unidades) na verdade

era um canhão antitanque autopropulsado, sem torre, com o mesmo armamento da ZT-2; e o ADF-1, que era um veículo de comando com dois rádios (13 unidades). Existiram ainda as versões: ZT-4 (que se destinava às colônias, com melhoramentos na ventilação, armada apenas com uma metralhadora de 7,92 mm – das 40 unidades produzidas, algumas foram apressadamente enviadas ao front francês em 1940), YS-1, um veículo de comando sem torre (10 unidades) e YS-2, um veículo de observação de artilharia (apenas 1 construído). Lançado em 1936, esse veículo teve um total de 251 unidades produzidas, em todas as versões. Ao se iniciar a invasão alemã, 187 AMR 35 estavam em serviço e muitos acabaram sendo perdidos por problemas mecânicos. Após o colapso francês, foram usados pelos alemães, sendo designados Panzerspähwagen (PzSpWg) ZT 702(f). Foi usado também como plataforma móvel para morteiros de 81 mm (chamado de 8 cm schwere Granatwerfer 34 auf Panzerspähwagen AMR 35(f)) e alguns foram rearmados com canhões de 20 mm. A versão de comando foi designada Panzerkampfwagen 770(f).

Os AMR 35 recebiam o mesmo tipo de pinturas e marcações que o AMR 33, com alguns poucos aspectos únicos. Sua camuflagem era normalmente feita em duas ou três cores. Os veículos saídos das fábricas após 1935 passaram a ter uma pintura de três ou quatro cores, com contornos menos arredondados que seus predecessores e eram, em geral, mais escuros.

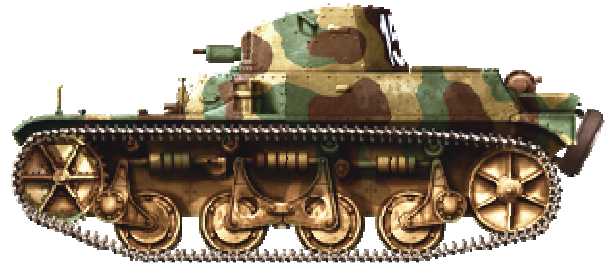
Os primeiros 130 AMR 35 produzidos tinham o número de série de cinco dígitos precedido por uma pequena bandeira francesa. Os 70 seguintes, porém, receberam uma letra “M” antes do número de série, o que foi determinado a 16/04/38.

Na parte dianteira dos AMR 35 ZT-1, ZT-2 e ADF-1, a bandeira, número de série e a letra M eram pintados diretamente sobre a camuflagem. Por outro lado, no ZT-3 e na maioria dos carros de comando YS, o número de série e a bandeira eram pintados sobre um retângulo preto. Na maioria das versões, esse retângulo preto era pintado também na traseira.

Esses veículos ostentavam um grande número branco ou cinza claro em ambas as laterais posteriores da torre e um cocar na traseira dela, conforme a instrução de 01/04/36. Frequentemente, esses números eram desenhados com ângulos acentuados, dando um aspecto “quadrado” a eles (isso é bem observado nos veículos dos 1º e 2º Batalhões dos 1º e 4º RDP). A altura e a posição relativa do número também serviam para a identificação do esquadrão a que o veículo pertencia. Muitas vezes, eles ostentavam ainda o brasão regimental.



AMR 35, 3º GAM, Paris, 1936. Este veículo exibe uma camuflagem usada inicialmente, com formas arredondadas e pontudas, mas com uma incomum aplicação de duas cores ao invés de três.



AMR-35, unidade ignorada.



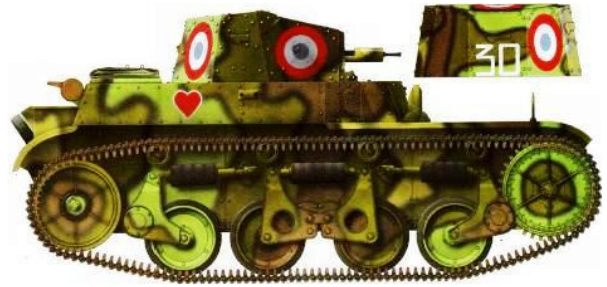
AMR 35, 1º GAM, 1938. Este é o segundo tipo de camuflagem usada nos AMR, com manchas mais suaves e com contornos escuros. Essa é a pintura usada na maioria dos AMR 35. O veículo aqui ilustrado apresenta quatro cores usadas então pela Renault: verde oliva, verde água, ocre e siena.



AMR 35, 1º Esquadrão, 1º RDP, 1938. Este veículo tem a peculiaridade de ostentar quatro pequenos cocares (vide detalhe). O 1º RDP utilizava números grandes e seus veículos eram numerados de 1 a 20 no 1º Batalhão e de 21 a 40 no 2º. No 1º Batalhão, o número ocupava a extensão da placa de blindagem, enquanto no 2º era posicionado apenas no alto dela.



Veículo de comando YS-1, 17º BCP, 1938.



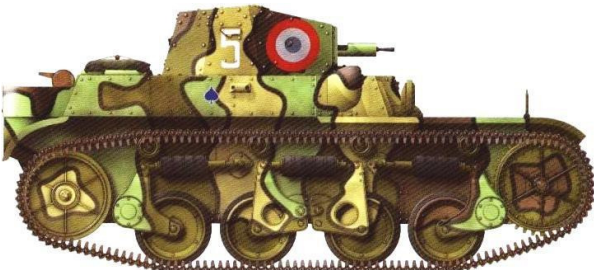
AMR 35, 6º Esquadrão, 4º RDP, julho de 1939. A torre tem vários cocares pintados de fábrica. Durante a campanha, os cocares pintados à frente eram muitas vezes, se não sempre, apagados ou cobertos de alguma forma, para evitar servir de ponto de mira para os artilheiros inimigos.



Veículo de observação de artilharia YS-2, 309º RATT<sup>20</sup>, 1938.



AMR 35 ZT-1, 1º Batalhão, 1º RDP, maio de 1940. Observe o uso de símbolos táticos (losangos bicolores) nos para-choques dianteiros, com o número 4 (para o 4º pelotão).



AMR 35, 1º Batalhão, 1º RDP, início de 1939.



AMR 35, 1º Batalhão, 1º RDP, julho de 1939. O símbolo regimental, no detalhe, começou a ser pintado nos AMR em julho de 1939.



AMR 35, 2º Pelotão, 4º Esquadrão, 2º Batalhão, 5º RDP, 1940. Observe o reduzido símbolo do 2º Pelotão (o naipe de copas branco). No destaque, o símbolo do regimento, que tem um duplo sentido: além do "V" ser o número 5 em algarismos romanos, também é a primeira letra do nome do seu comandante, Tenente-Coronel de Villiers. A cor vermelha representa ainda o 2º Batalhão e o azul escuro, 4º Esquadrão.

<sup>20</sup> Régiment d'Artillerie à Tracteurs Tous Terrains = Regimento de Artilharia de Trator para Todo Terreno.





AMR 35, possivelmente do 1º Esquadrão do 4º RDP, 1940. O 4º RDP utilizava números menores e seus veículos eram numerados de 1 a 20 no 1º Batalhão e de 21 a 40 no 2º. No 1º Batalhão, o número era centrado na placa de blindagem, enquanto no 2º era posicionado mais embaixo.



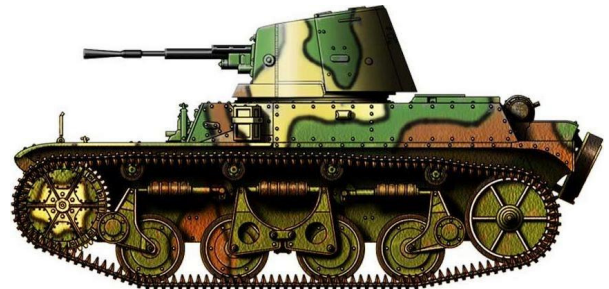
AMR 35, 4º Pelotão, 11º Esquadrão, 3º Batalhão, 4º RDP, 1940. O naipe de paus na traseira da torre indica 4º pelotão e a cor verde, o terceiro esquadrão do batalhão.



AMR 35, 6º Esquadrão, 1º RDP. Este veículo ostenta marcações contraditórias, com dois naves distintos (ouros do 3º Pelotão e espadas do 1º) e um número de torre que indica o 2º Batalhão. No destaque, o símbolo do esquadrão, presumivelmente em vermelho, cor do 2º Batalhão.



AMR-35 ZT-2, presumivelmente do 1º RDP.



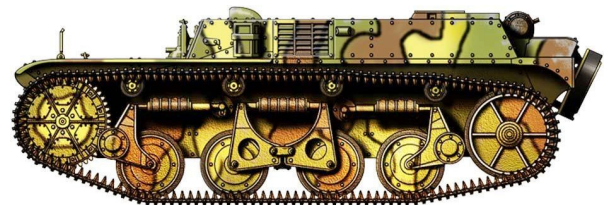
AMR 35 ZT-2, 1º GRDI, 1ª Divisão de Infantaria Motorizada, França, maio de 1940.



AMR 35 ZT-2, 1940. Este veículo apresenta uma evolução da camuflagem da Renault, mais difusa e com mais realce na cor clara.



AMR 35 ZT-3 "Surcouf", 7º GRDI, 25ª Divisão de Infantaria Motorizada, 1940. O prolongamento dos para-lamas para a frente é um recurso improvisado para limitar projeções de lama. No detalhe, a insígnia do 7º GRDI, a espada de Joana D'Arc sob o escudo do leão de Flandres.



AMR 35 ZT-4, versão destinada à Indochina com sistema de refrigeração melhorado. Alguns foram fornecidos sem a torre e armamento na primavera de 1940 e foram usadas na França.



AMR 35 ZT-4, Billancourt, 1940. Embora torres de FT fossem instaladas no Extremo Oriente, um exemplar foi solicitado pela Renault em maio de 1938 para conduzir os testes necessários de planejamento e foi entregue à planta em junho de 1938 pelo parque regional de Versalhes. No entanto, o ZT-4, em junho de 1940, era desprovido de torre e (em princípio) só armado com um Fuzil-Metralhadora.



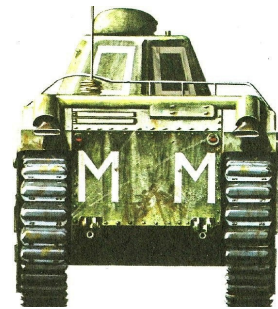
AMR 35 de comando ADF-1, unidade ignorada.

**B1** → Tanque médio. O *Char Moyens de Bataille* B (Tanque Médio de Batalha “B”), mais conhecido como “Char B<sup>21</sup>”, começou a ser produzido em fins de 1934 com o modelo B1. Porém, depois de apenas 34 unidades produzidas, resolveu-se aumentar a sua blindagem de 40 para 60 mm, surgindo então o Char B1-bis, que foi lançado em 1937. Em 1939, foi lançado o Char B1-ter, com 70 mm de blindagem (apenas 5 unidades construídas). Embora fosse o tanque francês mais poderoso da 2ª Guerra Mundial, ele tinha uma séria deficiência pelo fato de seu armamento principal ficar no casco e não na torre. Além disso, era lento, tinha um alto consumo de combustível, manutenção complexa e, como a maioria dos tanques franceses, sua torre era guarnecida por apenas um homem. Apesar dessas deficiências, ele era nitidamente superior a qualquer máquina alemã e virtualmente imune aos seus canhões antitanques. O Char B totalizou 403 unidades de todos os modelos. Em maio de 1940, havia 387 unidades deste tanque em operação (313 em unidades de 1ª linha). Após a queda da França,

<sup>21</sup> Alguns equívocos comuns: o “B” não significa “Bataille”. “Renault B1”, “Char de Bataille” e “Char de Manoeuvre” não eram designações oficiais dele.

os alemães utilizaram cerca de 160 destes veículos, sendo denominado Panzerkampfwagen B1-bis 740(f). Ele equipou 17 diferentes unidades e foi usado para treinamento e como canhão e lança-chamas autopropulsado na França, no front russo e nos Bálcãs. A versão de canhão autopropulsado teve 29 unidades produzidas em 1942, armadas com um obuseiro de 105 mm, sendo 16 usadas na França e 13 no front russo. A versão de lança-chamas teve pelos menos 60 unidades produzidas a partir de junho de 1941 (o equipamento do lança-chamas era instalado no lugar do obuseiro de 75 mm). Em 1945, alguns Char B remanescentes foram usados pelos franceses para libertar o porto de Royan.

Em alguns batalhões de Char B, era comum o comandante de seção identificar os carros de sua subunidade com uma letra, normalmente do seu próprio nome, a qual era usada nos seus três veículos. Essa letra era pintada nas laterais da torre, na parte superior traseira das laterais do casco e em ambos os lados da placa de blindagem traseira. Existem fotografias que mostram tanques marcados com “3A” e “4A”, mas isso é incomum.



Traseira do Char B ilustrado na página 20.

O Char B foi um dos mais vistosamente decorados tanques da campanha de 1940. O estilo de camuflagem mais comum nos primeiros Char B1 era de verde oliva com ocre, com contornos em preto, em padronagens bastante complexas. Os veículos posteriores usavam a mesma camuflagem, mas com desenhos não tão complexos. O número de série era pintado em dois ou três lugares: na barra logo abaixo do canhão de 75 mm, no centro da porta de acesso no lado direito do casco e, às vezes, no canto superior esquerdo da placa blindada traseira.

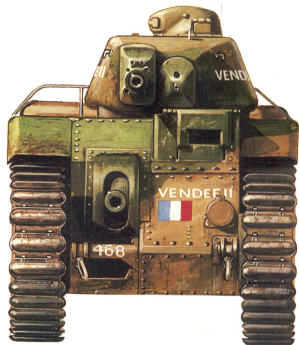
Uma bandeira francesa era pintada na parte inferior da placa frontal e sob o nome pintado do lado direito da torre, mas, curiosamente, não do lado esquerdo.

As unidades de Char B usavam figuras geométricas para a identificação de companhias, embora, ao contrário dos demais tipos de veículos, a figura fosse vazada. O símbolo de naipes podia ser pintado dentro da figura geométrica, mas isso era incomum. A figura geométrica era pintada nos dois lados da traseira da torre. No 41º BCC, uma

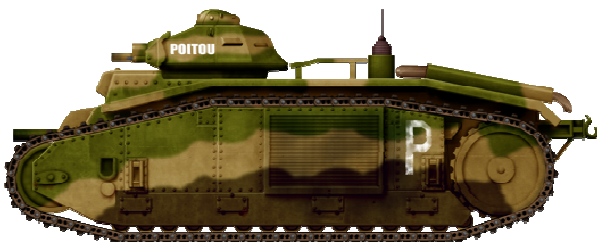
pequena figura geométrica sólida era pintada nas laterais da torre.

Todos os Char B1 e B1-bis dos primeiros fornecimentos, até o número 431, receberam nomes conforme um padrão definido, pintados na placa frontal sob o visor do motorista e nas laterais da torre. O 8º BCC usava nomes de destróieres e torpedeiras e os números de série 236 a 270; exemplos conhecidos são o Rapide (249), o Si-rocco (263) e o Typhoon (266). O 37º BCC (único equipado com o Char B1 e com as matrículas 101 a 135) usava nomes de províncias. Exemplos conhecidos são o Bourgone (121) e o Reims (107); o 15º BCC usava nomes de províncias, colônias e cidades e tinha os números de série 201 a 235; exemplos conhecidos são o Madagascar (206) e o Marseilles (234). O 28º BCC também usava nomes de cidades e colônias e seus números de série iam de 271 a 305. Os 41º e 49º BCC usavam nomes de rios (matrículas 306 a 345), de vinhos (346 a 375) e de vitórias na Grande Guerra (376 a 387); exemplos conhecidos são o Durand (322), Cher (330), Pommard (343), Mercurey (347), Vauquois (377) e Beni Snassen (387). Os 46º e 47º BCC ostentavam nomes de vitórias na Grande Guerra (matrículas 388 a 410) e de líderes militares (411 a 431); exemplos conhecidos são o Arlay (388), Craonne (391), Foch (411) e Mal. Petain (414).

Após o veículo 431, os nomes eram mais aleatórios ou inexistentes. Em algumas unidades, os tanques fornecidos em substituição a perdas de combate recebiam o nome do veículo anterior acrescido de um "II". Exemplos conhecidos são o Vendee II (ilustração abaixo) e o Verdun II.



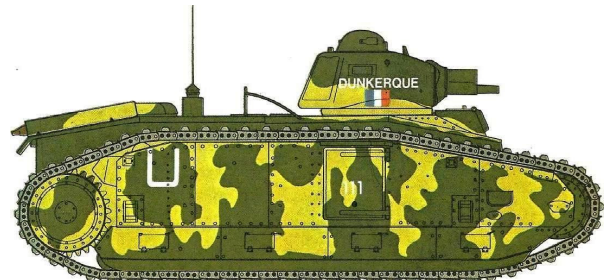
Vendee II



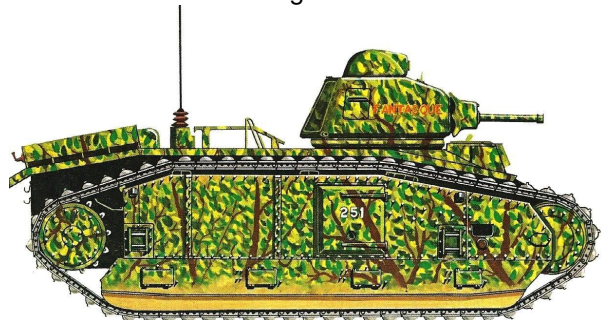
Char B1 "Poitou", 37º BCC, 3º Exército, Ofensiva do Sarre, setembro de 1939. Este exemplar exibe uma pintura "horizontal", atípica no Char B.



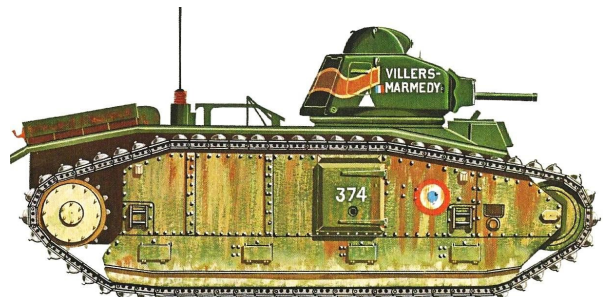
Char B1, 37º BCC, 1ª DCR. O "Auvergne" ostenta uma camuflagem de ocre e verde oliva, com contornos em preto. Observe a pequena bandeira francesa sob o nome.



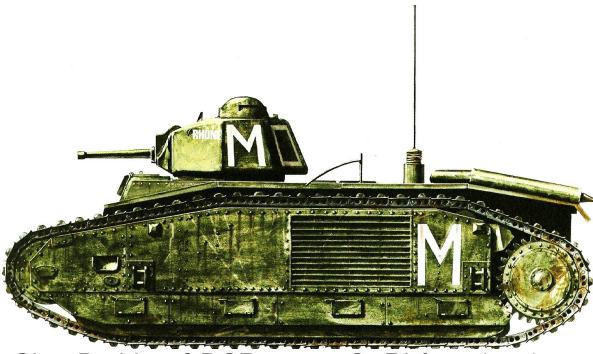
Char B1, 37º BCC, 1ª DCR, maio de 1940. O "Dunkerque" ostenta uma camuflagem de ocre e verde oliva. Este veículo emprega a torre APX 1 original.



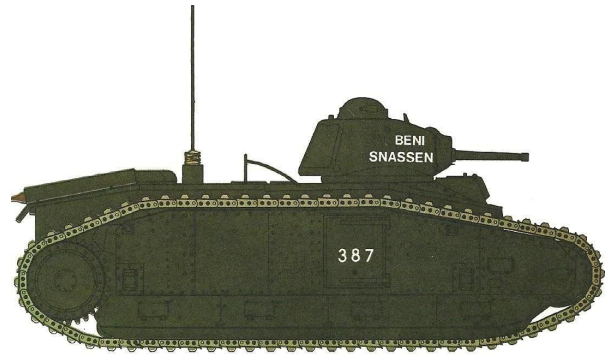
Char B1-bis, 8º BCC, 2ª DCR. O "Fantasque" ostenta uma camuflagem experimental única, simulando árvores e vegetação. A técnica, no entanto, não foi adotada pelo Exército.



Char B1-bis, 41º BCC, 3ª DCR. O "Villers-Marmedy" ostenta uma pintura incomum, de verde oliva e castanho escuro, com contorno em ocre. O triângulo branco na torre indica a 3ª Companhia e a bandeira francesa está postada ao lado do nome ao invés de embaixo, que é o usual.



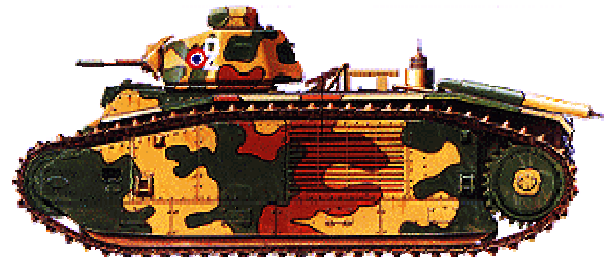
Char B1-bis, 4ª DCR, 1940. O “Rhône” (309) ostenta apenas a pintura básica de verde oliva. Ele foi destruído por sua tripulação em Beaumont a 16/05/40.



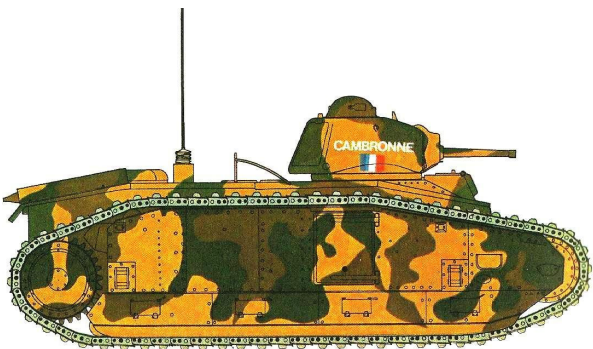
Char B1-bis equipado com torre APX 4, França, início de 1940. A pintura do “Beni Snassen” parece ser toda em verde oliva escuro, atípica no Char B.



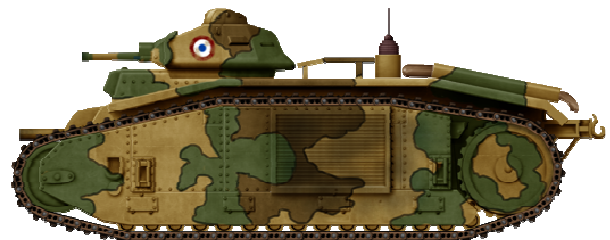
Char B1-bis “Flandres”, unidade ignorada. A pintura é somente em verde oliva.



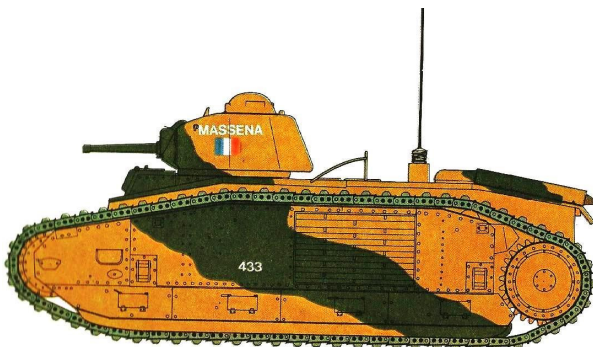
Char B1-bis “Vercingetorix”, 3ª Companhia, 46º BCC, 4ª DCR, França, 1940. A camuflagem é de verde oliva, ocre e castanho com contornos em preto.



Char B1-bis, equipado com torre APX 4, início de 1940. A camuflagem do “Cambronne” é feita com manchas de verde oliva, castanho e ocre, sem contornos. Observe a ausência do número de série na lateral, o que indica que ele não era visível na foto em que essa ilustração se baseou.



Char B1-bis, 4ª DCR, Moncornet 17/05/40.



Char B1-bis “Massena” (433), Normandia, início de 1940. Ao contrário do exemplar anterior, este ostenta o número em local atípico, na lateral esquerda do veículo.



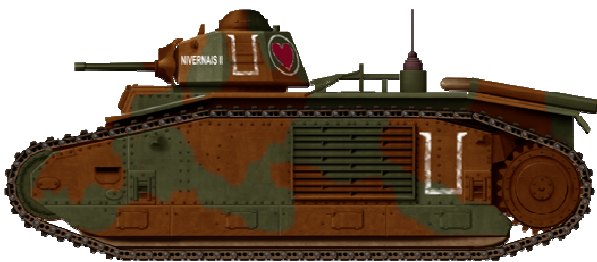
Char B1-bis “Eure”, 41º BCC, 2ª Companhia, 3ª DCR, maio de 1940. No seu comando, o Capitão Billote tornou-se o único às francês de tanques da 2ª Guerra Mundial. Num único ataque, durante a luta por Stonne, ele destruiu 11 Panzer III, 2 Panzer IV e 2 canhões antitanques Pak 37 da 1ª Divisão Panzer, retirando-se com nada menos que 140 marcas de impactos de projéteis, sem ter sido perfurado.



Char B1-bis "Bourrasque", 2ª Seção, 1ª Companhia, 15º BCC, 2ª DCR, França, maio de 1940.



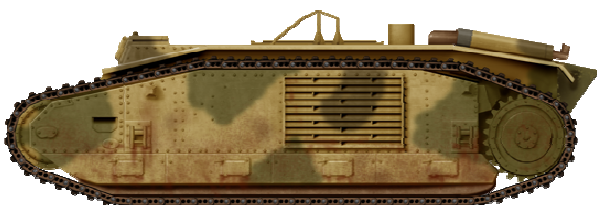
Char B1-bis, 3ª Companhia, 46º BCC, 4ª DCR, França, maio de 1940.



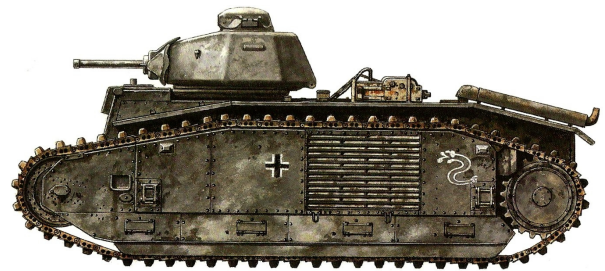
Char B1-bis "Nivernais II", 2ª Seção, 3ª Companhia, 37º BCC, 1ª DCR, junho de 1940.



Char B1-bis "Indochine", 3ª Seção, 3ª Companhia, 15º BCC, 2ª DCR, junho de 1940.



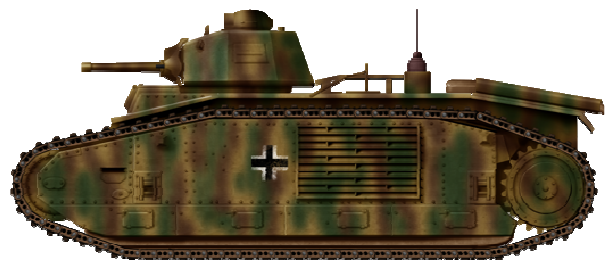
Char B1-bis número 505, um dos três que foram fornecidos sem a torre e usados como transporte de munição.



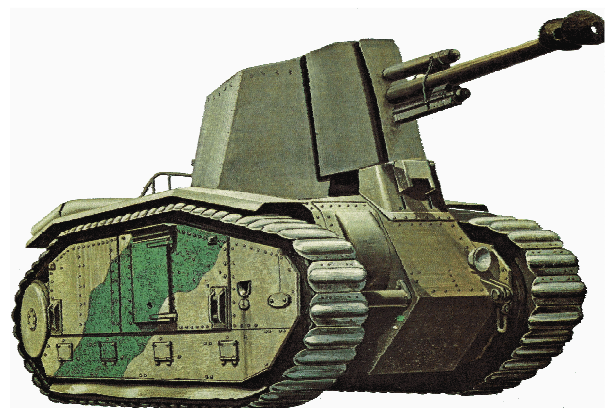
Flammwagen auf Panzerkampfwagen B-2 (f), 102º Batalhão Panzer (F), front russo, 1941.



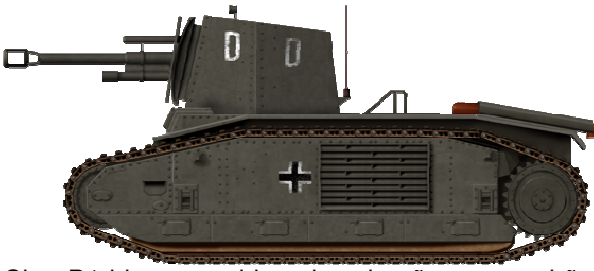
Flammwagen auf Panzerkampfwagen B-2 (f), 7ª Divisão de Montanha SS "Prinz Eugen", Iugoslávia, maio de 1943.



Flammwagen auf Panzerkampfwagen B-2 (f), unidade ignorada.



Um dos Char B1-bis convertidos pelos alemães em canhão autopropulsado, recebendo a designação 105 mm leFH 18/3 auf Gw B-1/B-2 740(f). Observe a manutenção da pintura francesa neste veículo.



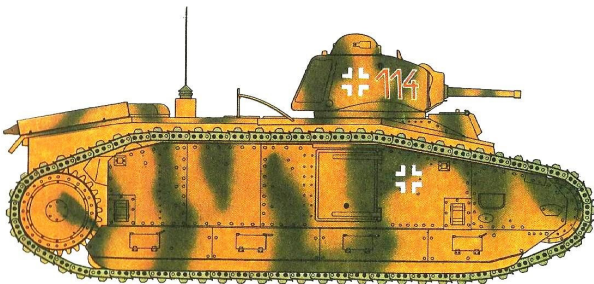
Char B1-bis convertido pelos alemães em canhão autopropulsado. Ao todo, 13 foram convertidos e enviados para o front russo em 1941. A letra "D" identifica a bateria.



Char B1-bis, 13º Regimento de Dragões, Bolsão de Royan, 1944. Essa unidade, organizada após a libertação, tomou parte em operações na Alsácia e no Sul da Alemanha. No pós-guerra, foi usada como força de ocupação na Alemanha.



Panzerkampfwagen B2(f), 213º Batalhão Panzer, Ilhas do Canal, 1944.



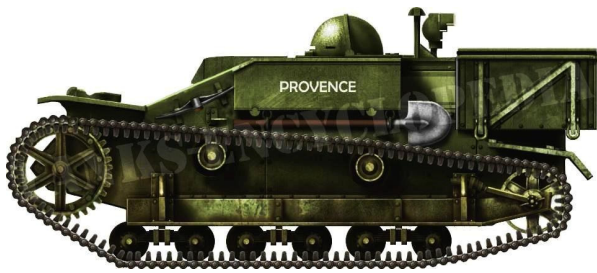
Char B1-bis, 213º Batalhão Panzer, Ilhas do Canal, 1944. Este veículo está hoje em exposição no Museu de Tanques de Bovington, Inglaterra, com suas cores francesas restauradas.



Char B1-bis capturado pelos alemães e recapturado pelas FFI (Forças Francesas do Interior) durante a luta em torno de Paris, agosto de 1944.

**CHENILLETTE RENAULT 31R** → Transporte blindado. O Chenillette Renault UE foi baseado no tanquete Carden-Loyd Mk.VI britânico. Lançado em 1932, o *Chenillette de Ravitaillement d'Infanterie Modèle 1931 R* (Tanquete de Abastecimento de Infantaria Modelo 1931 – o "R" designa a Renault) destinava-se basicamente ao transporte de suprimentos e reboque do canhão antitanque de 25 mm e usava também um trailer de rodas ou lagartas. Teve uma versão posterior, o UE2 (ou *Modèle 1937 R*), lançada em 1937, com uma nova caixa de marcha. Ao começar a 2ª Guerra Mundial, 2.848 unidades dele haviam sido entregues, fazendo dele o veículo blindado mais numeroso da Campanha da França de 1940, entre todas as nacionalidades. Produzido de 1932 a 1940, teve um total de 5.158 unidades. A Romênia comprou 10 unidades dele e ainda o produziu sob licença, onde foi chamado *Senileta Malaxa Tipul UE* (126 unidades). Em 1941, os alemães forneceram mais 50 unidades dele aos romenos e 64 aos italianos (os americanos encontraram veículos desse tipo durante a campanha da Sicília, em julho de 1943). No pós-guerra, ele foi usado ainda pela Síria. Após o colapso francês, cerca de 3.000 unidades dele foram utilizadas pelos alemães numa imensa variedade de funções, sendo rebatizado Kfz 630(f). Eles ainda criaram uma versão armada com um canhão antitanque de 37 mm e outra de lança-foguetes autopropulsado (60 foram convertidos para essa função). Também foi usado pelos Franceses Livres e nas colônias. Uma característica peculiar desse veículo é a cúpula escamoteável semiesférica sobre os postos dos tripulantes. Isso se deve ao fato de que o veículo é tão baixo que os tripulantes sentados ficavam com a cabeça para fora do veículo.

Eles foram invariavelmente pintados de verde oliva e marcações eram extremamente raras, limitando-se a números de série e, ocasionalmente, número de ponte.



Chenillette UE "Provence", unidade ignorada.



Chenillette UE mle 1931, protótipo armado construído para atender a uma encomenda da China, março de 1936. Uma pequena superestrutura foi adicionada, onde foi instalada uma metralhadora de 7,7mm numa montagem de bola.



Chenillette UE mle 1931 "La Rodeuse", unidade ignorada, maio de 1940. Este exemplar foi capturado em ação pelos alemães.



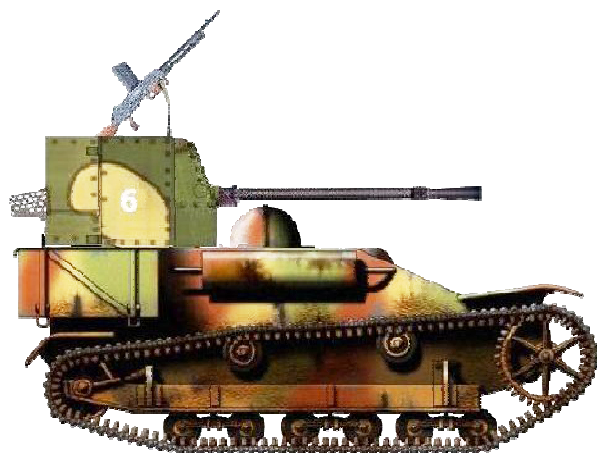
Chenillette UE armado com uma metralhadora de 7,7 mm. Projetado para a China, 10 foram produzidos e enviados, mas foram interceptados pelas autoridades da França de Vichy na Indochina, devido à pressão japonesa. Contudo, alcançaram a China pelo outono de 1940.



Chenillette UE mle 1937, unidade ignorada, junho de 1940. Este veículo é pintado no padrão de três cores, o que é incomum para os Chenillettes, tendo sido certamente pintado em uma oficina de campanha.



Chenillette UE mle 1937 "Le Tonnerre", com trailer modelo UK, em configuração padrão de 1935.



Chenillette UE armado com um canhão SA34 de 25 mm.



UE-Schlepper 630(f), Grécia, abril de 1941. A configuração original do Chenillette foi a mais utilizada pela Wehrmacht e com as mesmas funções. Ele era usado para rebocar os canhões Pak 36 de 37 mm, Pak 38 de 50 mm, Pak 39/40/41 de 75 mm e Pak 36(r) de 76,2mm.



Gepanzerte-MG-Träger Renault UE(f), Iugoslávia, abril de 1941. Esta adaptação alemã do Chenillette destinava-se aos serviços de ligação e escolta.



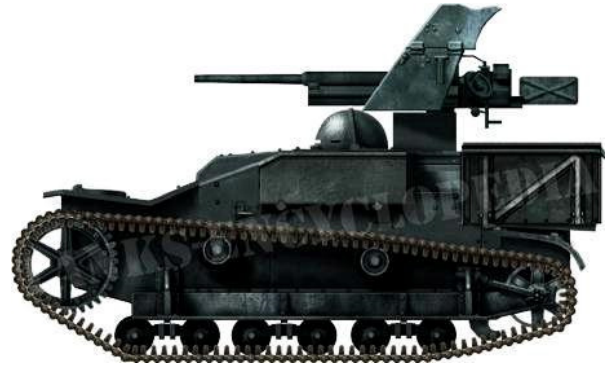
Gepanzerte-MG-Träger Renault UE(f) de uma unidade da Luftwaffe. Este exemplar foi armado com uma MG 34 e contava com um compartimento do metralhador maior que o anterior.



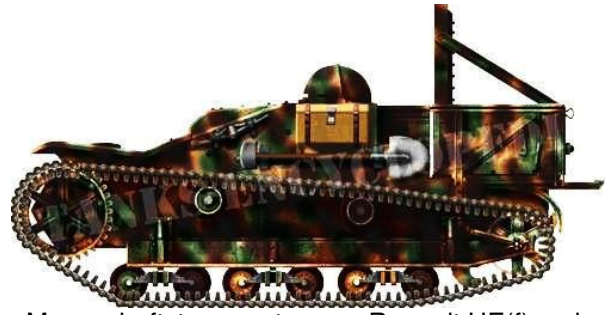
UE-Schlepper 630(f), rebocando um Pak 36 de 37 mm. A munição era estocada numa caixa atrás do compartimento da tripulação.



Selbstfahrlafette für 3.7 cm Pak 36 auf Renault UE(f), que totalizou cerca de 700 unidades. A conversão limitava-se à instalação de um reparo na frente do veículo para a fixação de um canhão antitanque Pak 36. A maioria delas foi empenhada no front russo em 1941.



Selbstfahrlafette für 3.7 cm Pak 36 auf Renault UE(f), 125º Panzerjägerabt, 125ª Divisão de Infantaria, Rússia, março de 1942. Essa foi a conversão definitiva do Chenillette para a função de caçatanques. A maioria das unidades de Panzerjäger criadas em maio-junho de 1941 foi equipada com ela. Essa arma, embora já entrando em obsolescência, ainda era eficaz contra blindados leves russos como o BT ou o T-26.



Mannschaftstransportwagen Renault UE(f), unidade ignorada, Crimeia, agosto de 1942. Este veículo era uma conversão do Chenillette para transporte de infantaria, podendo transportar quatro homens.



Kleiner Funk-und-Beobachtungspanzer auf Infanterie-Schlepper UE(f), um dos 50 modificados como veículos de comando, posteriormente alocados para a 21ª Divisão Panzer, Normandia, França, junho de 1944.

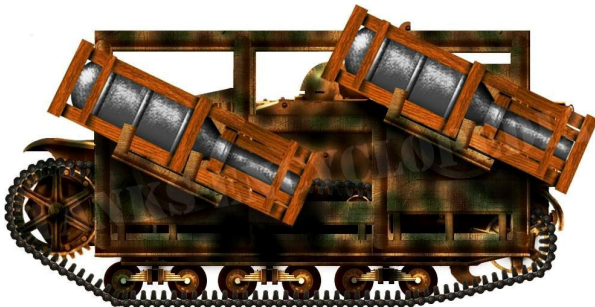




Selbstfahrlafette für 28/32 cm Wurffrahmen auf Infanterie-Schlepper UE(f), Bélgica, dezembro de 1944. Cerca de 40 conversões de lança-foguetes foram feitas sobre o chassi do Chenillette UE.



Sicherungsfahrzeug UE(f), usado pela Luftwaffe para segurança de aeródromos contra ataques de partisanos. Outros UEs foram usados como tratores de aviões e bombas.



Selbstfahrlafette für 28/32 cm Wurffrahmen auf Infanterie-Schlepper UE(f), setor de Kursk, Rússia, agosto de 1943.



Senileta Malaxa tipul UE, um Chenillette produzido sob licença pela Romênia. Este exemplar, na verdade um UE2, pertencia a uma unidade anti-tanque romena no front russo, junho de 1941.



Chenillette UE italiano, Sicília, julho de 1943. A maioria dos Chenillettes fornecidos aos italianos permaneceu na Itália, mas alguns foram enviados à Sicília. As unidades capturadas pelos americanos foram empregadas por eles durante a campanha.

**CHENILLETTE LORRAINE 37L** → Transporte blindado. Em meados dos anos 30, o Exército francês decidiu substituir o pequeno Chenillette Renault UE e o novo modelo adotado foi o da Société Lorraine, o *Tracteur de Ravitaillement pour Chars (TRC) Type 37L* (Trator de Abastecimento para Tanques Tipo 37 – o “L” designa a Lorraine). Aceito em 1935, foi encomendado em 1936 e lançado somente no fim do ano seguinte. Foi produzido em dois modelos básicos: para transporte de munição e outro de combustível (ambos contavam com uma carreta rebocada). Foram usados principalmente pelas DCRs, mas também equiparam batalhões de tanques na França e na Tunísia. Até o armistício de junho de 1940, 482 unidades haviam sido entregues ao Exército francês. Em maio de 1940, foi lançada uma versão de caçatanques, armada com o Canon SA 37 de 47 mm, mas pouquíssimas unidades chegaram ao front. Após o colapso francês, foram bastante usados pelos alemães, não apenas como transporte, mas também como canhão autopropulsado (usando diversos canhões, inclusive antitanques), sendo então produzido na França para atender encomendas da Wehrmacht. Foi chamado Lorraine Schlepper 37L(f) pelos alemães e foram empregados em praticamente todas as frentes (inclusive na África do Norte) até o fim da guerra. Após o armistício, ele continuou sendo produzido, oficialmente como trator agrícola, até 1942 e foi usado também pelos Franceses Livres. Existiu uma versão menor dele (com dois “bogies” ao invés de três), chamado “Chenillette Légère”, mas foi pouco usado. Em 1944, uma versão de transporte blindado foi produzida secretamente para as FFI, chamada de Lorraine 44, contando 30 unidades. Foi utilizado na França ainda durante alguns anos após a guerra (inclusive no mercado civil) e uma versão local de canhão autopropulsado foi feita na Síria nos anos 50. Teve cerca de 630 unidades produzidas. A Lorraine produziu ainda uma versão de transporte blindado de pessoal, chamada VBCP (*Voiture Blindée de Chasseurs Portée* = Viatura Blindada de Transporte de Infantaria) 38L. Cerca de 160

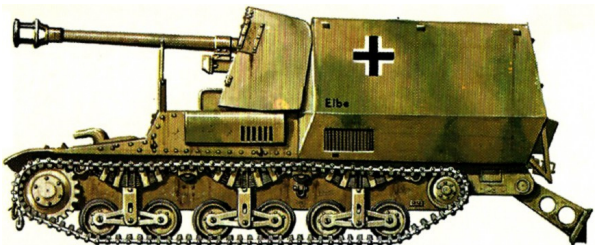
havia sido produzidos no momento do armistício e também equiparam as DCRs. Uma versão maior, o Lorraine 39L teve apenas uma unidade construída.



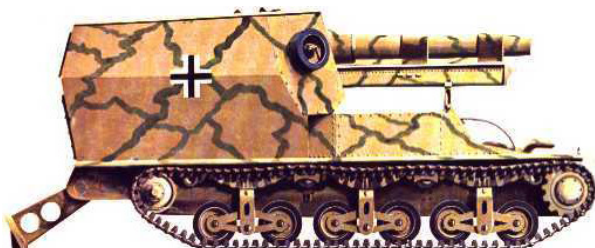
Lorraine 37L em sua configuração básica, com reboque.



Chasseur de char Lorraine 37L - 47 AS 37, Brive la Gaillarde, julho de 1940. Durante algum tempo, pensou-se que esse veículo fosse, na verdade, uma conversão feita pelos alemães. Ele entrou para o arsenal alemão sob a designação Pak181(f) auf Panzerjäger Lorraine Schlepper (f) de 4.7cm.

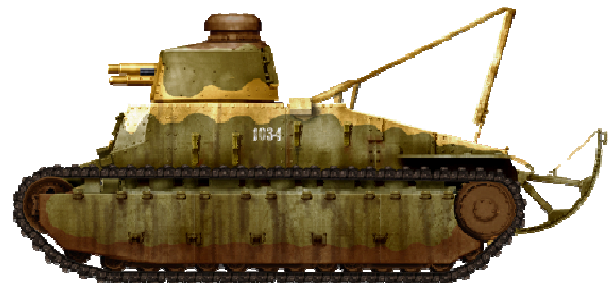


Marder I, um Pak 40 de 75 mm sobre o Lorraine 37L, França, 1944.



15 cm sFH13/1 (Sf) auf Geschuetzwagen Lorraine Schlepper (f), África do Norte, 1941. Conversão do Lorraine 37L para obuseiro autopropulsado, armado com um obuseiro de 150 mm. Como a maioria dos canhões autopropulsados alemães, ele ostentava poucas marcações. A pintura é Yellow Brown com camuflagem em Gray-Green. Ao todo, foram feitas 94 dessas conversões.

**D1** → Tanque leve. Em 1928, o Exército francês requisitou um tanque leve para apoio de infantaria, cujo desenvolvimento já estava sendo levado a efeito pela Renault e, em 1931, o Char Léger Renault Modèle D1 foi adotado. Desconfortável, com pouca autonomia (apenas 90 quilômetros em estrada), mal concebido, sem potência e sofrendo com sérios problemas mecânicos, esse tanque foi um fiasco, mas equipou unidades blindadas francesas na França e na África do Norte. Embora ele fosse concebido como tanque leve de infantaria, a situação no início dos anos 30 fez com que ele se tornasse o principal tanque de batalha francês na ocasião. Produzido de 1932 a 1935, teve um total de 160 unidades (incluindo 10 de pré-produção, chamados NC31, usados para treinamento). Inicialmente, todos foram equipados com a torre do FT-17, pois a sua torre original havia sido rejeitada, e a nova torre só foi instalada em 1936. Em 1937, ele equipava os batalhões de tanques 61º, 65º e 67º na Tunísia (o 67º foi repatriado em junho de 1940 para enfrentar a invasão alemã). Não combateu o desembarque aliado na África do Norte em novembro de 1942, mas depois enfrentou alemães e italianos na Tunísia. As 18 unidades capturadas pelos alemães foram designadas Panzerkampfwagen 732(f), mas foram usadas pela Wehrmacht apenas para treinamento e patrulha. Ele podia ser equipado com o dispositivo para transposição de trincheiras, ou “cauda de travessia” (*queue de franchissement*).



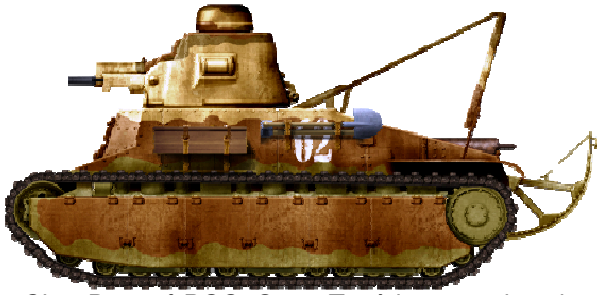
Char D1 de pré-série em 1934, ainda usando provisoriamente a torre do FT-17. Essas máquinas foram usadas apenas para treinamento.



Char D1 usado durante testes de um transportador de tanques em 1936. A camuflagem é atípica e, provavelmente, única.



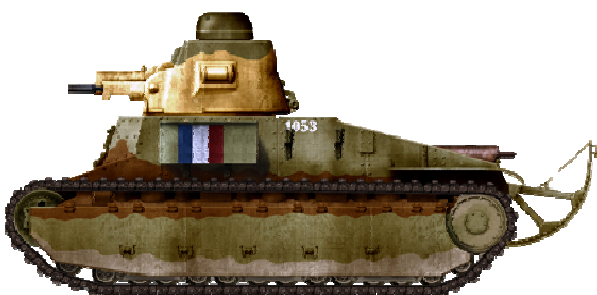
Char D1 durante manobras no campo de Sissonne, junho de 1936.



Char D1, 67º BCC, Oran, Tunísia, setembro de 1939, com o padrão de camuflagem "horizontal".



Char D1, 67º BCC, durante a Batalha da França, setor de Souain, junho de 1940.



Char D1, Tunísia, fins de 1942. Esses veículos tiveram suas antenas removidas e combateram as forças ítalo-germânicas, em particular, durante a Batalha de Kasserine, em fevereiro de 1943.

**D2** → Tanque médio. Em 1930, o Exército francês requisitou um veículo melhor blindado que os modelos então em serviço. Disto resultou o Char Léger Renault D2 (Carro Leve Renault D2), adotado oficialmente em janeiro de 1934. Apesar de

classificado como "leve", ele podia ser considerado como médio pelos padrões de então. Desenvolvimento do D1, o D2 era maior e com um desempenho um pouco melhor. Inicialmente, foram produzidas 50 unidades (entregues em 1937), mas, em 1938, foram encomendadas mais 50, aperfeiçoadas, que começaram a ser entregues somente em abril de 1940. Os primeiros 50 (conhecidos como "Modelo 1935" – os demais ficaram conhecidos como "Modelo 1938") foram batizados com nomes de vitórias francesas na Grande Guerra. Participou da invasão do Sarre, a 13/09/39 (dos 40 tanques empenhados, 30 enguiçaram). Durante a Campanha de 1940, ele equipou apenas o 19º BCC, parte da 4ª DCR, e duas companhias independentes. Participou da luta em Montcornet a 15/05/40, mas a maioria das perdas se deveu a problemas mecânicos e não à ação inimiga. Os veículos capturados (pelo menos 21) receberam a designação Panzerkampfwagen 733(f), mas foram utilizados pelos alemães apenas para treinamento e patrulha. Muitos veículos tiveram as torres retiradas e enviadas para a Croácia, onde foram instaladas em trens blindados. O D2 era normalmente pintado de verde oliva e ocre com contornos pretos. Os veículos que ostentavam nomes de batalhas tinham esses nomes pintados na frente do casco e nas laterais da torre. Com o início da guerra, foram pintadas marcações táticas de naipes sobre esses nomes. O 19º BCC também usava um círculo branco na frente e à ré, como todos os veículos da 4ª Divisão (ignora-se o significado dessa marcação).



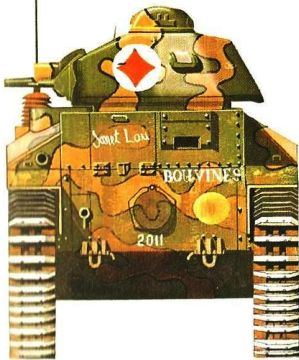
Char D2, testando um complexo padrão de camuflagem de 8 cores em 1937.



Char D2 (torre APX 1), 3ª Companhia, 19º BCC, 4ª DCR, maio de 1940.



Char D2 (torre APX 4, com canhão longo de 47 mm), 19º BCC, 4ª DCR, maio de 1940.



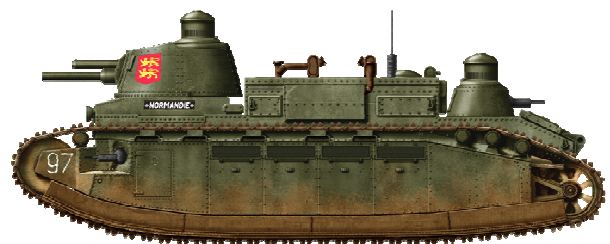
Char D2 "Bouvines", 19º BCC, 4ª DCR. A pintura é em verde oliva e ocre, com contornos pretos. O círculo branco e o losango vermelho indicam a 1ª Companhia, 3ª Seção. Este veículo tem a peculiaridade de ter um nome pintado na placa frontal, "Janet Lou".



Char D2 "L'Ancre", 1ª Seção, 2ª Companhia, 19º BCC, 4ª DCR.

**FCM 2C** → Tanque pesado. Durante a 1ª Guerra Mundial, foi ordenada a construção de um tanque superpesado de ruptura que fosse longo o suficiente para atravessar qualquer trincheira inimiga (ele podia cruzar fossos de 4,25 metros de largura) e ser estreito o suficiente para ser transportado em pranchas ferroviárias. A 21/02/18, foram encomendadas 300 unidades dele junto à FCM (*Société des Forges et Chantiers de la Méditerranée*). Porém, em 1917, o pedido diminuiu para 60, mas apenas 10 haviam sido iniciados quando a guerra terminou e somente em 1921 eles foram completados. Em 1926, um deles (o Nº 9) foi temporariamente rearmado com um canhão de 155 mm, sendo chamado FCM 2C-bis. O Char Lourd (Tanque Pesado) FCM 2C foi, de fato, o primeiro tanque pesado da História e o primeiro armado com um canhão de 75 mm numa torre giratória (embora ela só girasse 320°). No entanto, ele era lento, não tinha uma mecânica confiável (ironicamente, seus motores eram Maybach alemães) e seu consumo de combustível era altíssimo (12,8 l/km, em estrada). Originalmente numerados de 1 a 10, em 1936 eles receberam um número de dois dígitos e um nome, respectivamente: 91 Provence, 92 Picardie, 93 Alsace, 94 Bretagne, 95 Touraine, 96 Anjou, 97 Lorraine (em 1939, foi rebatizado Normandie), 98 Berry, 99 Champagne e 90 Poitou. O 97 era o tanque do comandante da unidade, tendo a blindagem reforçada, chegando a 90 mm (seu peso passou a ser de cerca de 75 toneladas). Quando começou a 2ª Guerra Mundial, ele estava obsoleto, mas equipava o 51º BCC. Em setembro de 1939, dois deles (94 e 96) foram desativados. Em junho de 1940, outros dois (92 e 95) tiveram problemas com os motores e também foram desativados. Nesse mesmo mês, os tanques ficaram presos num comboio ferroviário e tiveram que ser destruídos a 15/06/40 para evitar captura. No entanto, a carga explosiva do tanque 99 falhou e ele foi capturado intacto pelos alemães (foi designado Panzerkampfwagen 3C 741(f)). Foi levado para Berlim para exibição e acabou capturado pelos soviéticos em 1945. Não foi mais visto depois de 1948. Nunca estiveram em combate, mas foram muito usados para propaganda – dos dois lados. Os franceses alardeavam que eles eram tanques invencíveis e, depois que os alemães capturaram os tanques abandonados, divulgou-se que haviam sido destruídos por Stukas (e acreditou-se nisso por décadas).

O mastodôntico FCM 2C ostentava apenas um número de dois dígitos na parte dianteira das laterais do casco. Pelo menos um foi apressadamente camuflado, mas a maioria foi mantida na cor verde oliva regulamentar.



FCM 2C "Normandie", em 1939.

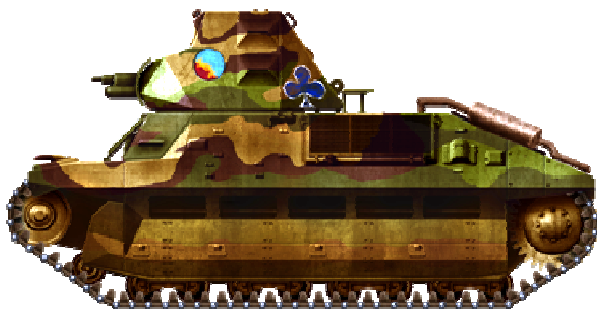
**FCM 36** → Tanque leve. Lançado em 1938, o FCM 36 era um tanque leve de apoio à infantaria.

Teve 100 unidades produzidas entre 1938 e 1939 (90 delas operacionais no início da campanha de 1940). Ele equipou os 4º e 7º BCC (parte do 503º GBC<sup>22</sup>) e era apreciado por suas tripulações pela sua autonomia e mobilidade, mas, como a maioria dos tanques franceses, não tinha rádio. Ele foi o primeiro tanque equipado com motor Diesel produzido em larga escala na França. Ele também era à prova de gás. Após a derrota francesa, 37 deles foram utilizados pelos alemães sob a designação Panzerkampfwagen FCM 737(f). Em 1942, os alemães converteram 12 deles a canhões de campanha autopropulsados, armados com o obuseiro le FH 42 de 105 mm. Em 1943, outros 10 foram convertidos a caçatanques, armados com o Pak 40 de 75 mm. Todos foram empregados na França em 1944.

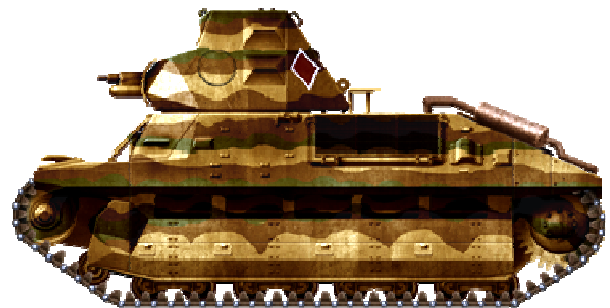
Os FCM 36 eram pintados num complicado padrão horizontal com as três cores e os números de série eram pintados dentro de retângulos pretos. Alguns FCM 36 do 7º BCC ostentavam um desenho de um tripulante estilizado em azul e branco. Outros usavam um quadrado branco, que aparentemente identificava a 2ª Companhia do 4º BCC. Era comum o uso de nomes neles, que eram pintados na borda superior do mantelete.



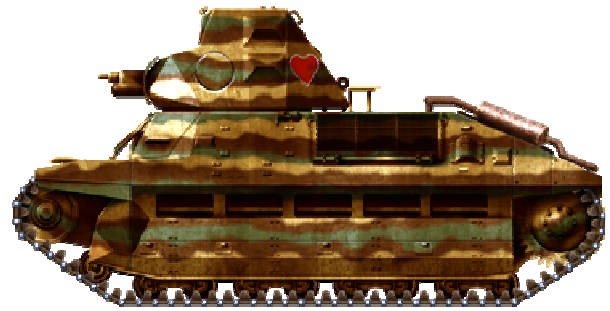
FCM 36, 7º BCC, 1940. Observe o número de série pintado sobre um retângulo preto e o símbolo da unidade, um artilheiro estilizado.



FCM 36, 4º BCC, janeiro de 1939. O naipe de paus azul pintado na torre indica 4ª Seção, 1ª Companhia.



FCM 36, 503º GBC, setor do rio Mosa, maio de 1940. O naipe de ouros vermelho pintado na torre indica a 3ª Seção, 3ª Companhia.



FCM 36 com camuflagem "horizontal" alternando as três cores padrões, setor do rio Aisne, junho de 1940. O naipe de copas vermelho pintado na torre indica a 2ª Seção, 3ª Companhia.



Pak 40 auf Panzerkampfwagen 737 FCM(f), 21ª Divisão Panzer, Normandia, junho de 1944.

**H-35** → Tanque leve. Em 1935, a Hotchkiss lançou um novo tanque leve para a infantaria, mas ele revelou-se de fraco desempenho. Mesmo assim, foi adotado pela cavalaria francesa em outubro de 1936 e teve cerca de 400 unidades produzidas. Em 1938, o Hotchkiss H-35 recebeu um motor mais potente e foi designado H-35 modèle 38. Em 1939, ele foi artilhado com um canhão maior e ligeiramente mais potente, sendo designado H-35 modèle 39 (540 unidades). Eventualmente, esses modelos ficaram conhecidos, respectivamente, como H-38 e H-39, mas estas não eram designações oficiais. Em maio de 1940, havia 1.188 unidades desse tanque em serviço (nas 3 versões), sendo ele um dos principais dentre os modelos franceses. Ele equipou as DLM, DLC e a 1ª DCR, além de unidades menores, de infantaria e de cavalaria. A Polônia recebeu 3 H-

<sup>22</sup> *Groupement de Bataillons de Chars* = Grupamento de Batalhões de Tanques.

35 em julho de 1939, os quais acabaram sendo usados em combate. Após junho de 1940, cerca de 550 unidades dele caíram em mãos alemãs, sendo designado PzKpfw 35H 734(f), PzKpfw 38H 735(f) ou PzKpfw 39H 735(f), conforme o modelo. Teve diversas adaptações, tais como: canhão autopropulsado, transporte de munição, trator de artilharia, lança-foguetes autopropulsado e veículo de observação de artilharia, além de equipar trens blindados. Os alemães fizeram uso dele na França, frente russa, Balcãs, Noruega e Finlândia. A Alemanha também forneceu destes veículos para seus aliados, sendo 19 para a Bulgária, 15 para a Hungria e alguns para a Croácia. Continuou em serviço na França de Vichy, atuando na campanha da Síria, em junho de 1941. O 1º RCA enfrentou a invasão aliada da África do Norte, destruindo 3 Stuarts. Também foi usado pelos Franceses Livres e pelos partisanos iugoslavos. O Exército israelense adquiriu 10 deles, utilizando-os até 1956. Nos três modelos, teve cerca de 1.200 unidades produzidas.

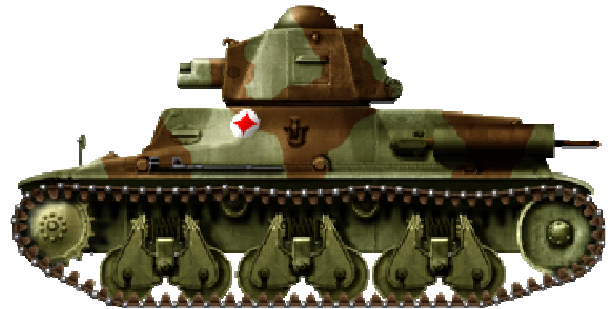
Ele foi o único tanque a atuar tanto nas unidades da infantaria quanto na cavalaria. Portanto, ele podia ostentar as singelas marcações da infantaria ou as elaboradas decorações da cavalaria. Os da infantaria eram frequentemente mantidos na pintura de fábrica, somente em verde oliva ou com castanho escuro. As marcações táticas eram com naipes de cartas, normalmente sem a figura geométrica de companhia. Já os da cavalaria usavam brasões regimentais, números nas torres, cocares e outros desenhos, sendo frequentemente pintados com o todo o conjunto de cores regulamentares de camuflagem.



H-35, 4º de Cuirassiers, 1ª DLM, Bélgica, maio de 1940. A pintura é a típica verde oliva e ocre com contornos em preto. Os cocares estão presentes em todas as superfícies visíveis do veículo (frente, traseira, laterais do casco, traseira da torre e cúpula). O símbolo regimental é ostentado em ambas as laterais do casco, bem como o número grande na torre.



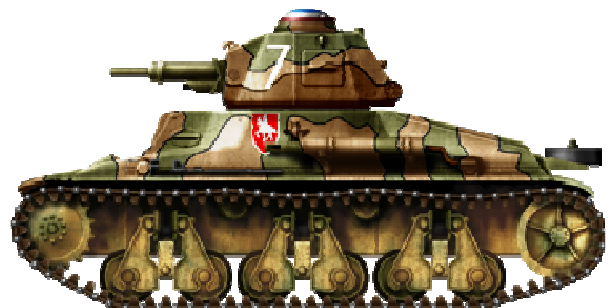
H-35, 1º Pelotão, 4º Esquadrão, 18º de Dragões, 1ª DLM, maio de 1940.



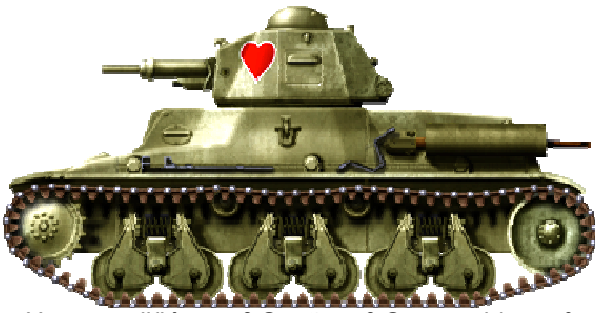
H-35 *modifié 38*, 3º Pelotão, 3º Esquadrão, 4º RAM, 4ª DLC.



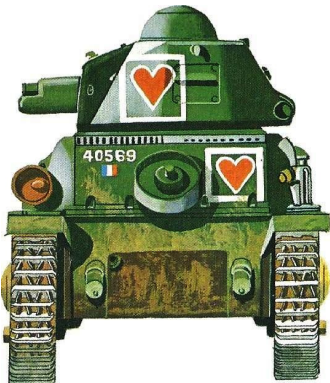
H-35 *modifié 38*, versão de comando, 29º de Dragões, 2ª DLM, França, maio de 1940. Este veículo é dotado de “cauda de travessia”.



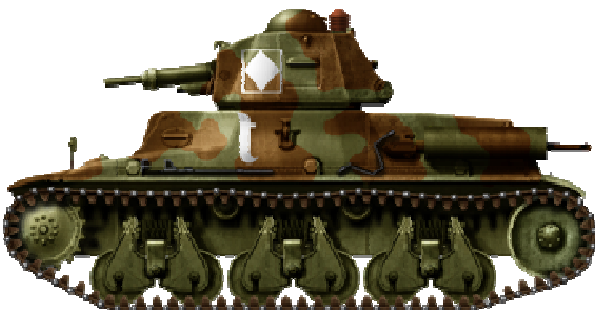
H-35 *modifié 38*, 4º de Cuirassiers, 1ª DLM. Observe a diferença de padrão de pintura vertical no casco e horizontal na torre.



H-35 *modifié 39*, 2ª Seção, 3ª Companhia, 25º BCC, 1ª DCR. Fotos mostram que essa unidade foi equipada com diferentes versões do H-39 (canhões SA 18 e 38) e veículos sem camuflagem, como o exemplar aqui ilustrado.



H-35 *modifié 39*, 2ª Seção, 3ª Companhia, 25º BCC, 1ª DCR, durante combate com o 25º Regimento Panzer em Avesnes, França. Este veículo é pintado apenas de verde oliva.



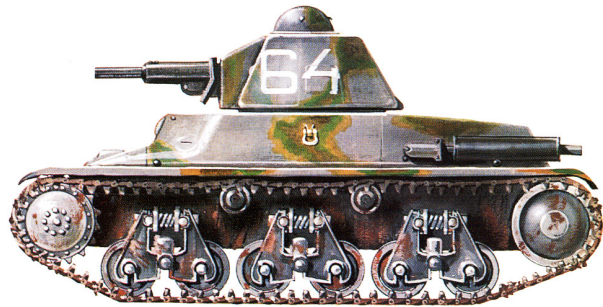
H-35 *modifié 39*, 3ª Seção, 2ª Companhia, 26º BCC, 1ª DCR, Norte da França, maio de 1940.



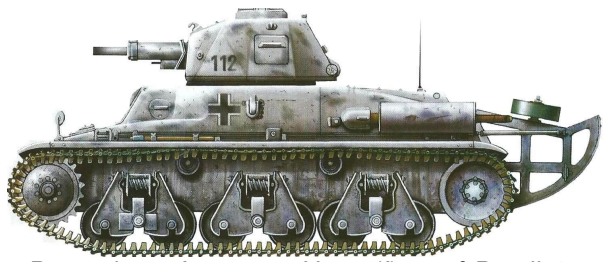
H-35 *modifié 39*, unidade não identificada. Observe a pintura em três cores, mas sem os contornos.



H-35 *modifié 39*, unidade não identificada. A pintura é de verde oliva e castanho, sem contornos. Este veículo é dotado de “cauda de travessia”.



H-35 *modifié 39*, unidade não identificada. Observe a pintura em três cores, incluindo o novo cinza.



Panzerkampfwagen 38H 735(f), 211º Batalhão Panzer, Finlândia, 1941.

**R-35** → Tanque leve. Em 1933, o Exército francês lançou um programa para um novo tanque leve de infantaria para substituir o FT-17. Em resposta a ele, a Renault produziu o *Char Léger modèle 1935*, que foi logo adotado devido à urgência gerada pelo rearmamento alemão. Devido à sua função de apoio à infantaria, ele era bem protegido, mas era demasiado lento, tinha pouca autonomia e seu desempenho fora da estrada era ruim. Lançado em 1935, o R-35 era o mais numeroso tanque do Exército francês em 1940 (945 deles na França e 125 nas colônias), equipando 21 batalhões. Após junho de 1940, ele passou para o arsenal alemão sob a designação PzKpffw 35R 731(f) e foi usado numa variedade de tarefas, tais como: transporte de munição, trator de artilharia, canhão autopropulsado, etc. Foi empregado na França, nos Balcãs e na frente russa e muitos veículos tiveram as torres removidas e usadas na “Muralha do Atlântico”. Antes da guerra, ele foi exportado para Iugoslávia (54 unidades), Polônia (50), Turquia (50) e Romênia (41). Após a queda da Polônia, a Romênia recebeu 34 unidades provenientes daquele país. Em 1941,

ele foi fornecido aos italianos (124 unidades) e romenos. Dois batalhões de tanques italianos equipados com ele combateram durante a campanha da Sicília, em julho de 1943, enquanto um terceiro guarnecia a Sardenha. Em 1942, a Bulgária recebeu 40 unidades dele e alguns foram cedidos à Croácia. Em 1943, todos os R-35 ainda em serviço no Exército romeno (cerca de 30) foram rearmados com um canhão de tanques soviético de 45 mm. Teve mais de 1.600 unidades produzidas entre 1935 e 1940. As últimas unidades produzidas do R-35 foram equipadas com o mesmo armamento do R-40, ficando conhecidas como R-39.

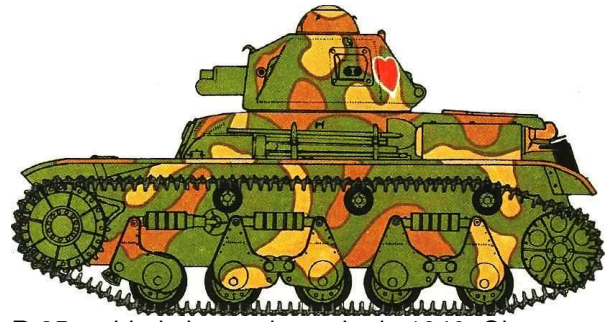
O R-35 era normalmente camuflado em padrões de duas ou três cores, usando manchas pequenas, com contornos em preto ou ocre, enquanto o R-39 era normalmente mantido na cor verde oliva original. Utilizavam marcações táticas com naipes de cartas, normalmente sem a figura geométrica. Raramente ostentavam nomes, mas utilizavam marcações vistosas, embora muitos não utilizassem marcação alguma, exceto o número de série e a marcação de pontes.



R-35, unidade ignorada, durante exercícios de verão em 1938.



R-35, 3ª Seção, 3ª Companhia, 17º BCC, 1940. Este veículo tem uma camuflagem de verde oliva e castanho, com contornos em ocre. Ele ostenta um nome, o que não é comum. Observe ainda o símbolo de pontes e o contorno branco em volta do naipe de ouros vermelho.



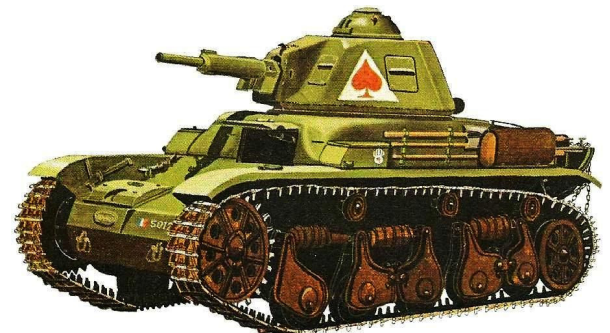
R-35, unidade ignorada, maio de 1940. Observe o contorno branco em volta do naipe de copas vermelho.



R-35, 21º BCC, França, maio de 1940.

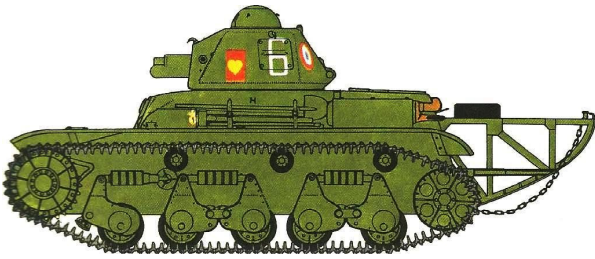


R-35, 4ª Seção, 1ª Companhia, 24º BCC, 4ª DCR, maio de 1940. Este veículo ostenta o círculo branco na traseira e na torre, identificando a 4ª DCR. Observe o contorno branco no naipe de paus azul.



R-39, 1ª Seção, 3ª Companhia, 10ª Brigada polonesa, França, 1940. Este veículo é pintado apenas de verde oliva.





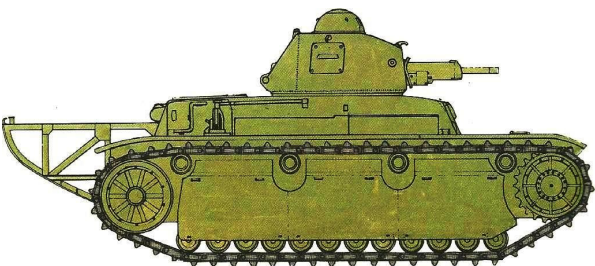
R-35 da França de Vichy na Síria, 1941. Este veículo é pintado apenas de verde oliva.



R-35 com marcações alemãs, Paris, agosto de 1944. A pintura é em Dark Yellow, Red Brown e Dark Green.

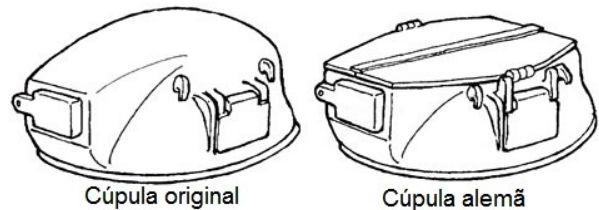
**R-40** → Tanque leve. Para sanar as deficiências do R-35, a Renault desenvolveu o *Char Léger Modèle 1940* (R-40). Ele recebeu um canhão mais longo e a suspensão foi modificada. Também chamado de AMX-40, ele começou a ser produzido em março de 1940, totalizando cerca de 130 unidades. Ele equipou 3 batalhões de tanques e a brigada blindada polonesa na França, participando ativamente da campanha no front ocidental em maio e junho de 1940. Ao ser incorporado ao arsenal alemão, após junho de 1940, recebeu a designação Panzerkampfwagen 40R 736(f). Foi usado para treinamento e patrulha, equipando divisões Panzer. Em 1942, 60 deles foram adaptados para serviço na neve. Posteriormente, 119 unidades dele foram modificadas para serviço na Luftwaffe.

O R-40 era normalmente mantido na cor verde oliva de fábrica. Utilizavam marcações táticas com naipes de cartas, normalmente sem a figura geométrica. Utilizavam marcações vistosas, embora muitos não utilizassem marcação alguma, exceto o número de série e a marcação de pontes. O uso de nomes era incomum.



R-40, Estabelecimento de Testes de Issy-les-Moulineaux, fevereiro de 1940. Este exemplar é pintado apenas de verde oliva.

**S-35** → Tanque médio. Lançado em 1936, o *Char de Cavalerie SOMUA*<sup>23</sup> 1935S (Tanque de Cavalaria SOMUA S-35) era veloz, bem armado e bem protegido e foi o primeiro tanque no mundo com um casco moldado, ao invés de ser construído com placas parafusadas. Ele foi, indiscutivelmente, o melhor tanque francês da 2ª Guerra Mundial e foi considerado, por algum tempo, o melhor tanque do mundo. Era superior a qualquer tanque alemão em blindagem e poder de fogo durante a campanha de 1940. O S-35 teve 427 unidades produzidas, as primeiras armadas com um canhão curto, depois substituído por uma versão mais longa. No momento da invasão alemã, havia 243 unidades dele em serviço de 1ª linha e ele era o esteio das DLM. Também equiparam o Exército francês na África do Norte. Teve um modelo posterior, o S-40, com um motor mais potente e nova suspensão, mas apenas um punhado havia sido produzido até o momento do colapso francês. Após a queda da França, 297 unidades dele foram utilizadas pelos alemães numa variedade de funções, sendo designado Panzerkampfwagen 35-S 739(f). Apesar de suas indiscutíveis qualidades, o S-35 tinha sérias deficiências, particularmente a torre de um homem e uma certa falta de estabilidade. O S-35 não foi considerado adequado para a doutrina tática alemã e foi utilizado para formar unidades menores, de tamanho batalhão, destinadas a treinamento, segurança e ação antiguerrilha. Os alemães adaptaram uma nova cúpula sobre a sua torre e acrescentaram um equipamento de rádio.



Cúpula original

Cúpula alemã

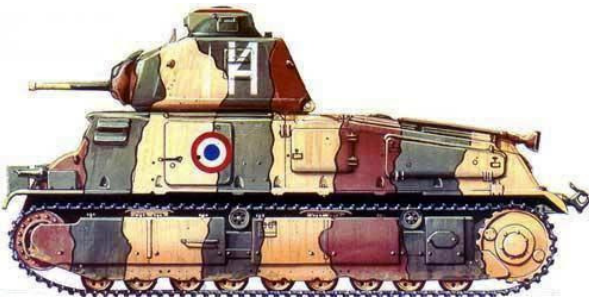
As cúpulas da torre do S-35.

O veículo de comando recebeu uma antena de rádio na traseira e seu canhão foi retirado (em seu lugar foi instalado um canhão falso de madeira). Teve ainda uma versão de treinamento de motoristas ("Fahrschule"), com a frente do casco e a torre removidos. Vários batalhões foram criados para serviço de ocupação na França e alguns tiveram a torre removida para ser instalada na "Muralha do Atlântico", enquanto outros foram usados em trens blindados. Ele foi usado na França, Balcãs, frente russa, Finlândia e Noruega. A Itália recebeu 32 unidades, a Bulgária, 6 e a Hungria, 2. Os S-35 italianos foram estacionados

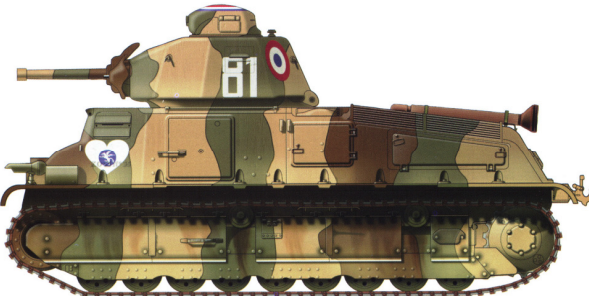
<sup>23</sup> SOMUA = *Société d'Outillage Mécanique et d'Usinage d'Artillerie* (Sociedade de Ferramentas Mecânicas e Usinagem de Artilharia), uma filial da Schneider.

na Sardenha, mas não entraram em combate. Os partisanos iugoslavos adaptaram um canhão britânico de 6 libras em um S-35 capturado. Após a libertação da França, alguns voltaram a ser usados pelo novo Exército francês pelo menos até abril de 1945.

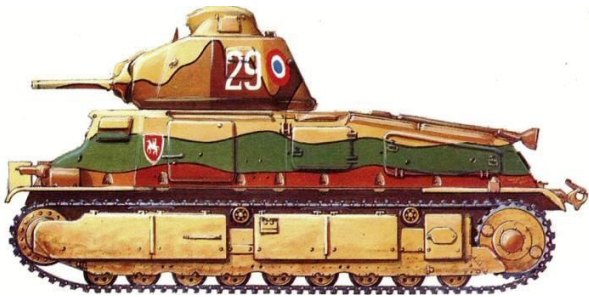
As primeiras unidades fornecidas do S-35 eram pintadas com a camuflagem de três cores e contornos pretos no sentido vertical, enquanto os lotes posteriores foram pintados com padrões mais irregulares. Eles usavam números grandes em ambos os lados da torre, com um cocar na traseira da torre e, às vezes, sobre ela. Quando havia o brasão regimental, ele era pintado na parte dianteira das laterais do casco. Símbolos táticos de naipes, quando usados, eram pintados nas laterais da torre, mas sem a figura geométrica.



S-35, 4º de Cuirassiers, 1ª DLM, manobras de 1937. O 4º Regimento foi o primeiro a ser equipado com o S-35.



S-35, 18º de Dragões, 1ª DLM, França, maio de 1940. Este exemplar ostenta a camuflagem em estilo "vertical". O símbolo regimental, inserido num círculo azul, está dentro do símbolo do 2º Pelotão (naipe de copas).



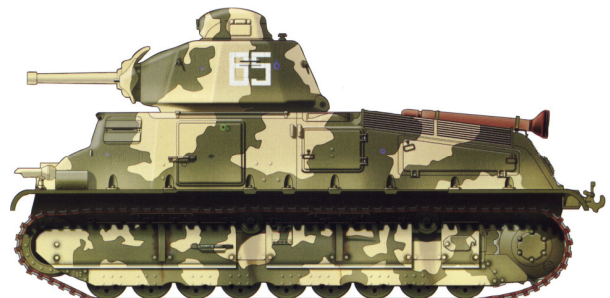
S-35, 4º de Cuirassiers, 1ª DLM, maio de 1940. O símbolo regimental é ostentado nas laterais da frente do casco. A camuflagem "horizontal" foi aplicada na fábrica.



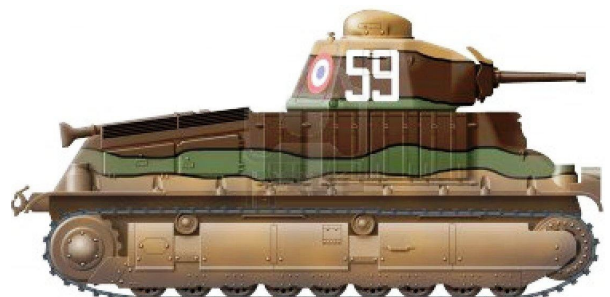
S-35, 4º Pelotão, 18º Dragões, 1ª DLM, maio de 1940. O símbolo regimental, inserido num círculo azul, está dentro do símbolo do 4º Pelotão (naipe de paus).



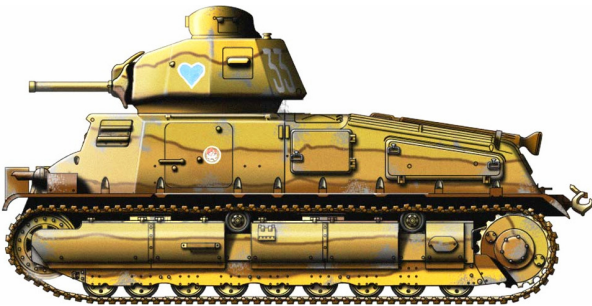
S-35, 4ª Seção, 4º Esquadrão, 29º de Dragões, 2ª DLM, durante o combate em Craonne, 14/05/40.



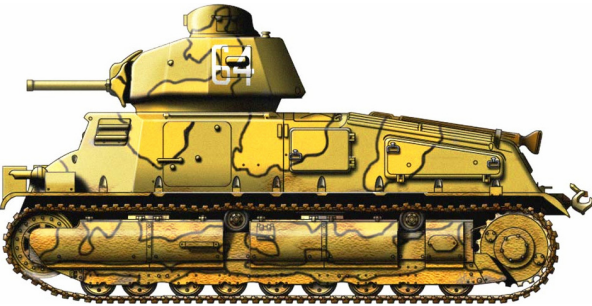
S-35, 2º de Cuirassiers, 3ª DLM, maio de 1940. A camuflagem é de verde oliva e ocre com contornos pretos. Além do número na torre e o cocar na traseira, essa unidade não costumava ostentar outras marcações.



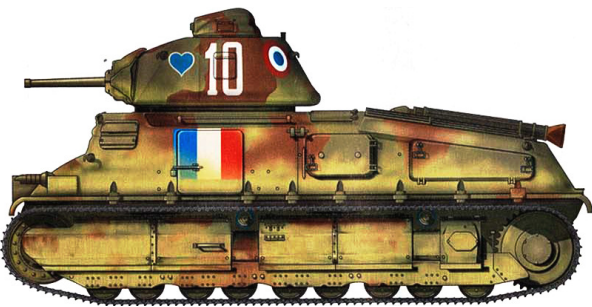
S-35, 2º de Cuirassiers, 3ª DLM, maio de 1940. Este exemplar ostenta uma camuflagem "horizontal", com porções de ocre, verde oliva e castanho, com contornos pretos. O 2º de Cuirassiers não usava um brasão regimental.



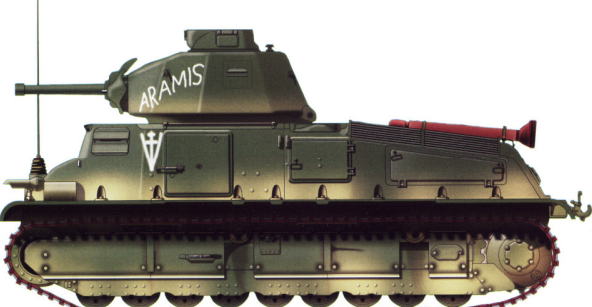
S-35, 2º Esquadrão, 1º de Cuirassiers, 3ª DLM, Batalha de Hannut, maio de 1940.



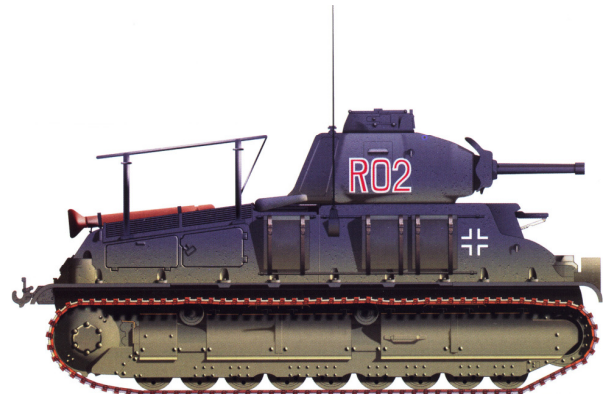
S-35, 2º de Cuirassiers, 3ª DLM, Batalha de Hannut, maio de 1940.



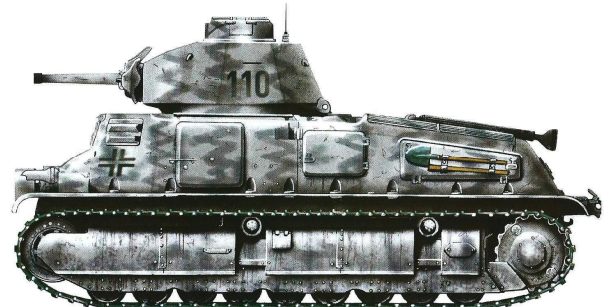
S-35, 2º Pelotão, 1º Esquadrão, 12º RCA, Tunísia, 1943. As marcações usadas nos S-35 do 12º RCA incluem números brancos com contornos pretos e símbolos táticos de naipes de cartas. A estrela branca foi pintada na cúpula para identificação aérea e grandes bandeiras francesas foram aplicadas nas laterais e na ré do casco. O símbolo de unidade é ostentado na placa frontal.



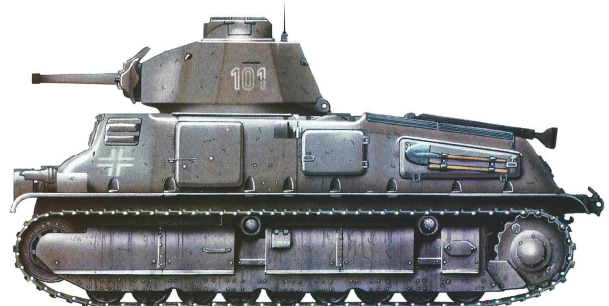
S-35 "Aramis", 13º de Dragões, Bolsão de Royan, abril de 1945. Observe a pintura tosca de Olive Drab sobre a camuflagem original. Os S-35 do 13º de Dragões ostentavam nomes retirados das obras de Alexandre Dumas (Aramis, D'Artagnan, Milady) ou nomes de deuses antigos (Titan, Atlas, Bacchus e Vulcain).



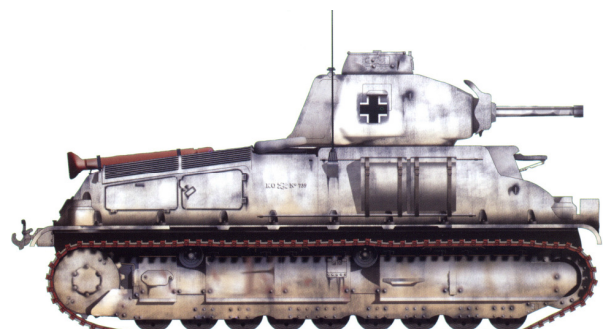
PzKpfw 35S 739(f), versão de comando (Befehls-panzer), 201º Regimento Panzer, França, 1941. A versão de comando tinha um canhão falso.



Panzerkampfwagen 35S 739(f), 211º Batalhão Panzer, Finlândia, 1941.



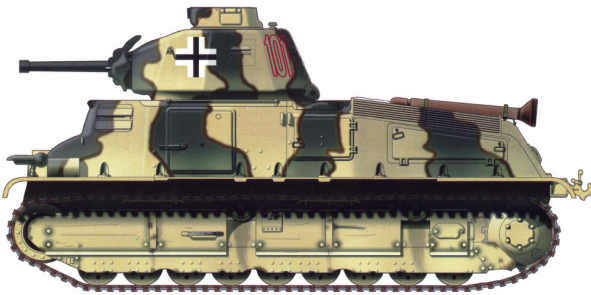
Panzerkampfwagen 35S 739(f), 211º Batalhão Panzer, Finlândia, 1941.



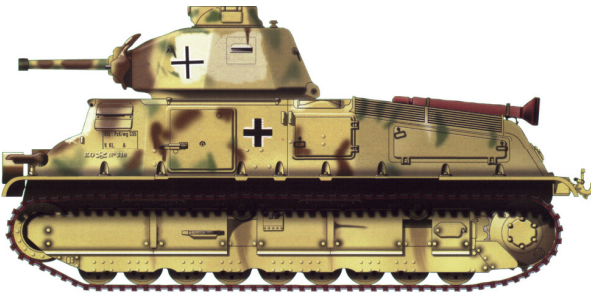
PzKpfw 35S 739(f), Divisão de Montanha SS Nord, Noruega, 1943. Observe a camuflagem de inverno.



**KITS:**



PzKpfw 35S 739(f), 202º Batalhão Panzer, Balcãs, março de 1944.



PzKpfw 35S 739(f), 22º Regimento Panzer, 21ª Divisão Panzer, Normandia, junho de 1944. A 01/09/44, não havia mais nenhum S-35 nessa divisão.



PzKpfw 35S 739(f), 6ª Companhia, 2º Batalhão, 22º Regimento Panzer, 21ª Divisão Panzer, Normandia, junho de 1944. Essa unidade foi posteriormente equipada com Panzer IVH e StuG III G.



PzKpfw 35S 739(f), unidade ignorada. Este exemplar ostenta a camuflagem original francesa e o naipes do 1º Pelotão, 4º Esquadrão. Ignora-se o significado da coroa pintada na torre.

Apesar da grande variedade de modelos e camuflagens, os veículos franceses não têm a mesma aceitação generalizada no mercado dos modelos de outros países. Apesar disso, existem muitos kits disponíveis para quem estiver interessado no tema.

Não fui capaz de encontrar no mercado kits do AMC P16, AMD Laffly 50 AM, Laffly S15 TOE, AMD Panhard 165/175 e AMR 33 (o que não quer dizer que não existam).

O AMC 35/ACG-1 tem apenas um kit no mercado, na escala 1/76, produzido pela Cromwell.



AMC 35/ACG-1 1/76 da Cromwell.

O AMD Laffly 80 AM tem um kit na escala 1/76 produzido pela Cromwell.



Laffly 80 AM 1/76 da Cromwell.

Na escala 1/72, a Extra Tech tem dois kits do Panhard 178 (em resina e photoetched, sendo um deles na versão ferroviária), a Minitracks francesa tem uma e a RPM tem quatro, cada uma com um tipo de torre diferente, incluindo uma versão de comando. Na escala 1/35, a DML/Dragon tem dois kits, incluindo um na versão ferroviária.



Panhard 178 da RPM, na escala 1/72.



Panhard 178 (Panzerspahwagen P204(f)), escala 1/35, da DML/Dragon.



Panhard 178 de comando da RPM, na escala 1/72. O kit inclui marcações francesas e alemãs.

A Minitracks francesa tem pelo menos sete kits do AMR 35 na escala 1/72 em resina, inclusive do raríssimo YS-2. A Blitz tem nada menos que quatro kits em resina na escala 1/35 do AMR 35, nas versões ZT-1 (duas), ZT-2 e ZT-3.



Panhard 178 da RPM, na escala 1/72. Este veículo tem uma torre Renault.



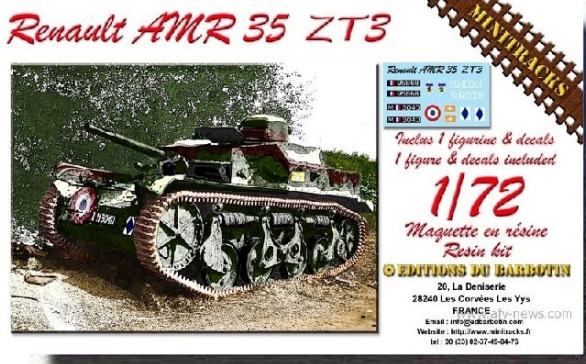
AMR ZT-1 1/72 da Minitracks.



AMR ZT-2 1/72 da Minitracks.



Panhard 178B da RPM, na escala 1/72.



AMR ZT-3 1/72 da Minitracks.



YS-1 1/72 da Minitracks.



YS-2 1/72 da Minitracks.



AMR 35 ZT-3 1/35 da Blitz.

Existem dois kits do Char B atualmente no mercado: um na escala 1/72 da Trumpeter e outro na escala 1/35 da Tamiya.



Char B1-bis 1/35 da Tamiya. O kit oferece 4 opções de marcações.

A Mirage tem nada menos que cinco kits na escala 1/35 do Chenillette UE (três delas com marcações alemãs, sendo uma armada e outra equipada com lança-foguetes). A Tamiya, de sua parte, tem um kit dele na mesma escala.



AMR UE, versão armada do Chenillette, na escala 1/35, da Mirage.



Renault UE, na escala 1/35, com marcações alemãs, da Mirage.

## BLINDADOS FRANCESES DA 2ª GUERRA MUNDIAL



Chenillette UE 1/35 da Tamiya. O kit inclui 4 figuras humanas.

Existe no mercado um kit do Chenillette Lorraine 37L na escala 1/48 da Gaso.Line. Na mais popular escala 1/35, temos kits da Azimut, Ironside e RPM.



Lorraine 37L 1/48 da Gaso.Line.



Lorraine 37L 1/35 da Ironside.



Lorraine 37L 1/35 da RPM. O kit é da versão alemã e é link-by-link.

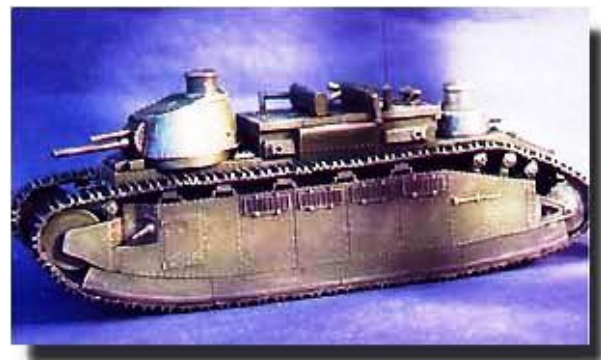


D2 da Cromwell Models 1/76



Kit do D2 Commander Series Models 1/35

Existem três kits do FCM 2C, todos na escala 1/35, sendo um da Azimut, um da Commander Series Models e um da Meng (da qual nunca ouvi falar).



Kit do Char 2C da Commander Series Models.



FCM 2C 1/35 da Meng.

A Blitz tem o kit do FCM 36 na escala 1/35 e a Fine Cast Models tem dois kits, na mesma escala, de versões alemãs de canhões autopropulsados (incluindo detalhes internos e canhão de metal). Ambos são de resina.



Geschützwagen FCM-36(f) mit 10,5 cm Feldhaubitze, Fine Cast Models (curiosamente, as mesmas iniciais do tanque), na escala 1/35.

Na escala 1/76, a Cromwell tem um kit do H-38/39 e a Milicast do H-35 e do H-39. Na escala 1/35, a Bronco tem dois kits do H-38/39, a Heller tem um kit do H-35 e a SK Models tem um kit polivalente do tanque leve da Hotchkiss, permitindo montar as versões H-35, H-38 ou H-39. Além de ter um kit do H-38, a Trumpeter oferece vários kits de conversões alemãs do Hotchkiss.



H-38/39 da Cromwell Models 1/76



H-35 1/35 da Heller.



Kit polivalente da SK Models, na escala 1/35.



H-38/39 da Bronco 1/35.



H-38/39 da Bronco 1/35. Este kit oferece canhão e molas de metal, além de outros refinamentos.



## BLINDADOS FRANCESES DA 2ª GUERRA MUNDIAL



H-38 escala 1/35 da Trumpeter.



H-39 da Trumpeter, conversão alemã equipada com lança-foguetes.



H-39 da Trumpeter, escala 1/35, conversão alemã de canhão autopropulsado com obuseiro le FH 18 de 10,5 cm. O compartimento de combate é bem detalhado.



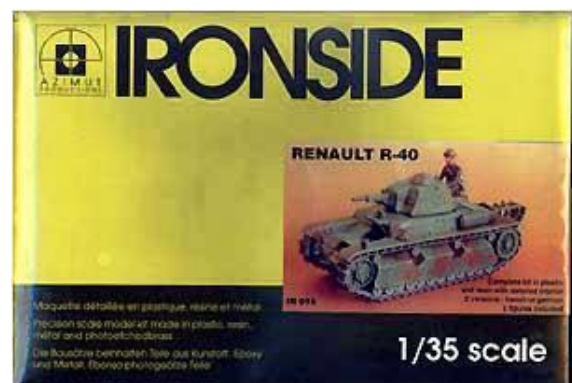
H-39 da Trumpeter, escala 1/35, conversão alemã de caçatanques com canhão antitanque Pak 40/3 de 75 mm. O compartimento de combate é bem detalhado.



R-35 1/76 da Cromwell Models.



R-35 1/35 da Heller.



Kit da Ironside do R-40, escala 1/35.

Existem vários kits do S-35 no mercado. A Milicast tem o modelo na escala 1/76 e a Heller nas escalas 1/72 e 1/35 (esta com marcações alemãs). A SK Models também tem um kit dele na escala 1/35.



S-35 1/72 da Heller.



S-35 escala 1/35 da Heller, com a cúpula no modelo alemão.

Note que as linhas de produção das fábricas de kits são dinâmicas, ou seja, estão sempre retirando e lançando produtos. Além disso, é possível encontrar kits fora de produção em estoques de muitas lojas. Portanto, o que foi dito acima é apenas uma orientação.

Apesar de tudo o que foi dito acima, você deve estar atento para o fato de que as fábricas param de produzir alguns kits ou relançam kits que saíram de linha anos antes. Portanto, você pode ter alguma dificuldade em encontrar algum modelo específico.

Até a próxima!